

**INFIDELIDADE PRÓPRIA E NA FAMÍLIA DE ORIGEM:
EXPLORAÇÃO DE EFEITOS PROTETORES DAS CONSEQUÊNCIAS
AO NÍVEL DO FUNCIONAMENTO SEXUAL FEMININO**

MARIANA PARREIRA ALEIXO DE ALMEIDA MAURÍCIO

Orientador de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Professor de Seminário de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado
realizada sob a orientação da Prof.
Doutora Mariana Miranda,
apresentada no ISPA-Instituto
Universitário para obtenção de grau de
Mestre na especialidade de Psicologia
Clínica.

Agradecimentos

À Prof. Doutora Mariana Miranda por todo o apoio e orientação ao longo deste ano, mas, principalmente, por ter acreditado e depositado a sua confiança neste projeto sem nunca nos deixar perder o foco. Um obrigado não chega. Às minhas colegas deste seminário pelo apoio e companheirismo e em especial à Inês Alfaro, por estar sempre do meu lado, nos bons e nos maus momentos. Juntas aprendemos o significado de confiar no processo. E o que seria deste processo sem ti!

A esta instituição e a todos os professores com quem tive a honra de me cruzar durante estes cinco anos, obrigada por toda a aprendizagem e conhecimento que me proporcionaram e por terem feito de mim, o que sempre sonhei ser.

A todos os colegas que se tornaram amigos e que farão sempre parte de mim, obrigada. Emanuel Reis, Nicole Moniz e Rita Lopes, não tenho palavras para descrever o quanto gosto de vocês, foram o melhor que o ISPA me deu. Obrigada por serem a minha calma no meio do caos. Um agradecimento muito especial a quem me acompanhou na melhor experiência da minha vida, na Polónia. Joana Saldanha, obrigada por teres sido casa.

A todos os meus amigos que estão sempre do meu lado, que me dão todo o seu apoio e que me fazem ter motivação para continuar. Um obrigado nunca irá chegar para as minhas melhores amigas, Maria Simões e Beatriz Gonçalves. Obrigada pela paciência, por me encorajarem, por acreditarem em mim. Obrigada por me lembrarem que estou exatamente onde deveria estar.

À minha família, aos meus pais, por serem o melhor exemplo de resiliência, bondade, de altruísmo, de amor. Por terem permitido que tudo isto fosse possível, e por acreditarem em mim e confiarem nas minhas escolhas. Devo-vos o mundo.

Por último, ao meu Avô Balito e à minha Tia Sandra. Sei que ainda me acompanham, de uma maneira ou de outra. Sei que estão do meu lado. Espero que estejam orgulhosos. Esta dissertação é para vocês.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo investigar o efeito de eventos negativos no funcionamento sexual de mulheres adultas. Deu-se particular atenção ao conhecimento de infidelidade, tanto no sistema conjugal do próprio, como na família de origem. Simultaneamente, foram explorados possíveis fatores protetores e potenciadores ao nível individual e diádico. Para tal, investigou-se o possível papel moderador da diferenciação do *self* na relação entre infidelidade e o funcionamento sexual feminino, bem como um efeito moderador do coping diádico positivo e negativo nesta mesma relação. Este estudo contou com 518 participantes do género feminino com idade superior a 18 anos. Os resultados mostram que não houve efeito principal entre os diferentes tipos de infidelidade e o funcionamento sexual feminino. No que respeita à diferenciação do *self*, encontraram-se apenas efeitos principais no funcionamento sexual feminino, não sendo significativa a moderação. Os resultados mostraram ainda que as estratégias de coping diádico moderaram duplamente a relação entre infidelidade e funcionamento sexual feminino. Especificamente quando se observam níveis mais baixos de coping diádico positivo combinados com níveis médios ou elevados de coping diádico negativo, existe uma relação negativa entre a infidelidade e o funcionamento sexual feminino. Esta relação é invertida, quando o coping diádico positivo é alto e o negativo é baixo. Os resultados são discutidos, enquanto são apontadas limitações, propostos estudos futuros e apresentadas implicações clínicas.

Palavras-chave: Infidelidade; Funcionamento sexual feminino; Diferenciação do *self*; Coping diádico.

Abstract

The aim of the present research was to investigate the effect of negative events on female sexual functioning of adult women. Particular attention was given to knowledge of infidelity, both within the individual's marital system and in the family of origin. Simultaneously, possible protective and enhancing factors at the individual and dyadic level were explored. We investigated the possible moderating role of differentiation of *self* in the relationship between infidelity and female sexual functioning, as well as a moderating effect of positive and negative dyadic coping in this same relationship. This study included 518 female participants over the age of 18. The results show that there was no main effect between the different types of infidelity and female sexual functioning. Regarding the differentiation of the *self*, only main effects were found on female sexual functioning, with no significant moderation. The results also showed that dyadic coping strategies doubly moderated the relationship between infidelity and female sexual functioning. Specifically, when observing lower levels of positive dyadic coping combined with medium or high levels of negative dyadic coping, there is a negative relationship between infidelity and female sexual functioning. This relationship is inverted when positive dyadic coping is high and negative dyadic coping is low. The results are discussed, while limitations are highlighted, future studies are proposed, and clinical implications are presented.

Keywords: Infidelity; Female sexual functioning; Differentiation of *self*; Dyadic coping.

Índice

Introdução.....	1
Funcionamento Sexual Feminino	1
Infidelidade	3
Diferenciação do <i>Self</i>	6
Coping Diádico	9
Presente Estudo.....	10
Método.....	12
Delineamento e participantes.....	12
Procedimento e Instrumentos.....	12
<i>Infidelidade</i>	13
<i>Inventário de Diferenciação do Self, versão abreviada (DSI-F)</i>	13
<i>Inventário de Coping Diádico (ICD)</i>	14
<i>Índice de Funcionamento Sexual Feminino – 6 (FSFI-6)</i>	15
Resultados.....	15
Discussão.....	22
Limitações e estudos futuros.....	24
Implicações Clínicas	25
Referências	28
Anexos.....	37
Anexo 1 – Parecer da Comissão de Ética do ISPA.....	37
Anexo 2 – Materiais de Divulgação do Presente Estudo.....	38
Anexo 3 – Consentimento Informado.....	39
Anexo 4 – Questionário Sociodemográfico.....	40
Anexo 5 – Instrumento de Avaliação da Diferenciação do <i>Self</i>	42

Anexo 6 - Modelo de 4 fatores do DSI-F	44
Anexo 7 - Modelo de dois fatores do ICD	45
Anexo 8 - Modelo de seis fatores do FSFI-6	46
Anexo 10 – Tabelas de Regressão Paralelas.....	53

Índice de Tabelas

Tabela 1. Matriz de Correlações das variáveis Infidelidade do Próprio e Infidelidade Parental	16
Tabela 2. Matriz de Correlações das variáveis Infidelidade, Funcionamento Sexual Feminino, Diferenciação do Self e Coping Diádico.....	16

Índice de Figuras

Figura 1. Modelos de moderação entre os três tipos de Infidelidade e a Diferenciação do <i>Self</i>	18
Figura 2. Modelos de moderação entre os tipos de infidelidade e o coping diádico positivo e o coping diádico negativo.....	19

Introdução

Funcionamento Sexual Feminino

A Organização Mundial de Saúde define o conceito de sexualidade como “um aspecto central do ser humano ao longo da vida que engloba o sexo, o gênero, identidades e papéis, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. É expressa e experienciada através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas e relações. A sexualidade é influenciada pela interação entre vários fatores, tais como biológicos, psicológicos, sociais, culturais (...)” (WHO, 2006).

São, porém, evidentes as inconsistências e complicações encontradas na literatura relativas à definição de sexualidade, bem como a definição e medição de conceitos relacionados (Carvalho & Leal, 2008; Giles & McCabe, 2009; Macleod & McCabe, 2020). Tanto o desejo sexual como a excitação são inerentes à condição humana, porém moldados pelas nossas experiências. Um bom funcionamento sexual é fundamental para a saúde e bem-estar, sendo que vários estudos demonstraram os efeitos positivos de uma vida sexual satisfatória e saudável, bem como os efeitos prejudiciais da disfunção (Kingsberg et al., 2015).

O primeiro modelo de resposta sexual humana foi proposto por Masters & Johnson (1996), sendo este um modelo linear e sucessivo composto por quatro estágios: excitação, “*plateau*”, orgasmo e resolução. Este modelo baseava-se numa visão puramente fisiológica (Masters & Johnson, 1996; Rowland & Gutierrez, 2017). Em 1979, foi proposto por Kaplan o modelo trifásico da resposta sexual. Este modelo consistia no desejo, excitação e orgasmo, diferenciando-se do anterior ao reconhecer os fatores psicológicos da resposta sexual e o conceito de desejo sexual, desejo este que seria uma condição para a excitação e que inclui aspectos psicológicos, emocionais e cognitivos (Gutierrez, 2017; Nobre & Pinto-Gouveia, 2006). Tiefer (1991) realçou a importância de mudar o foco da investigação, que na altura se baseava nas respostas genitais e indicadores de desejo como as fantasias sexuais e a necessidade de autoestimulação, para componentes essenciais da satisfação sexual da mulher, tais como a comunicação, respeito, intimidade, confiança, afeto e vulnerabilidade. Basson (2001) propôs um modelo circular para a resposta sexual que teve como foco a resposta sexual feminina, sendo que o desejo feminino não surge, muitas vezes, de uma forma espontânea – o desejo pode tanto preceder a excitação como sucedê-la (Carvalho & Gomes, 2011).

Sabemos agora que a resposta sexual é o resultado de uma série de interações complexas entre fatores psicossociais e biológicos (Clayton & Juarez, 2019). Só recentemente a investigação se afastou de um modelo unissexo para a sexualidade, em que a compreensão e análise da sexualidade da mulher era realizada partindo de pressupostos da sexualidade masculina (Carvalheira & Leal, 2008). A motivação feminina para experiências sexuais surge a partir de uma série de “ganhos” e “recompensas” que não são estritamente sexuais, tendo esta mais relevância que a necessidade biológica da mulher e sendo menos importante para o homem (Basson, 2000). As mulheres procuram estímulos necessários que ativem o desejo sexual. As recompensas de proximidade emocional, a intimidade, o comprometimento, união, tolerância a imperfeições e a apreciação do bem-estar do outro, servem como fatores motivacionais que irão ativar o ciclo, a par com a tradicional necessidade física sexual (Basson, 2000; Giles & McCabe, 2009). Este novo modelo circular de entender a sexualidade feminina, afastou-se dos modelos lineares existentes.

Num estudo realizado por Carvalheira & Leal (2008) com população portuguesa, a maioria das mulheres (87%) confessou desejar melhorias relativas à sua vida sexual, especialmente no que concerne a frequência da atividade sexual, o desejo e a qualidade e quantidade da estimulação sexual. Uma revisão de literatura realizada por Hayes e colaboradores (2006) demonstrou uma prevalência de dificuldades relacionadas com o funcionamento sexual feminino, mais especificamente dificuldades a nível do desejo em 64% das mulheres, dificuldades a atingir o orgasmo em 35%, falta de excitação em 31% e dor em 26%. Noutro estudo realizado nos EUA, concluiu-se que 70% das mulheres insatisfeitas com a sua vida sexual, principalmente a nível de desejo e excitação, acreditam que tal tem consequências pessoais e interpessoais (Biddle et al., 2009).

Hof e Berman (1986) introduzem o conceito de genograma sexual ao realçar a importância de analisar a sexualidade individual à luz dos padrões familiares que envolvem intimidade, sexualidade, lealdade e segredos familiares, tendo como objetivo compreender determinadas disfunções sexuais.

Especificamente no que respeita à relação entre infidelidade, sabemos que as crianças expostas à infidelidade dos pais experienciam mudanças cognitivas e emocionais que podem influenciar os seus *scripts* e esquemas sexuais. Perlman (2010) evidenciou que os adolescentes expostos à infidelidade parental desenvolveram mudanças cognitivas e emocionais que influenciam a sua perceção sobre a sexualidade, mais especificamente, atitudes mais conservadoras em relação ao sexo. A formação de esquemas sexuais negativos tem sido

associada ao desenvolvimento de uma expressão sexual rígida, ao aumento da ansiedade durante a atividade sexual e à evitação sexual (Cyranowski & Andersen, 1998).

Nesta dissertação, focar-nos-emos no efeito da infidelidade experienciada pela própria, ou da infidelidade existente no sistema familiar de origem, numa dimensão de funcionamento psicológico em particular: o funcionamento sexual.

Infidelidade

A infidelidade é um comportamento particularmente difícil de definir, dada a sua complexidade e a variabilidade na forma como as pessoas a conceptualizam em função dos seus valores (Weiser & Wegel, 2017). A infidelidade pode ser definida como uma violação de acordo entre os membros de um casal, declarado ou assumido, relativo à exclusividade da relação, à partida monogâmica (Haseli et al., 2019).

No estudo das relações amorosas é comum a distinção entre infidelidade sexual e emocional (Blow & Hartnett., 2005; Guitar et al., 2017). A literatura mais recente indica que tanto a infidelidade sexual, como a emocional são comuns nos relacionamentos afetivos de adultos, sendo que a maioria dos homens e mulheres relata ter se envolvido nalguma forma de infidelidade, pelo menos uma vez na vida (Thompson & O'Sullivan, 2016). Através de uma meta-análise, concluiu-se que a prevalência da infidelidade ao longo da vida é de 34% nos homens e 24% nas mulheres (Haseli et al., 2019). Num estudo realizado nos EUA, foi evidenciado que apesar de a maioria dos participantes reprovar a infidelidade (90% consideram-na imoral e 65% consideram-na imperdoável), esta ocorre em 20 a 25% de todos os casamentos, sendo cada vez mais comum (Whisman et al., 2007).

Vários estudos têm sido realizados com vista a definir quais os preditores da infidelidade, tendo em consideração fatores individuais, relacionais e contextuais. Numa revisão sistemática recente (Haseli et al., 2019), os preditores da infidelidade foram examinados, sugerindo tratar-se um comportamento mutideterminado, com preditores relativos a variáveis individuais (variáveis sociodemográficas, atitudes perante a sexualidade, estilo de apego), variáveis relativas à história familiar, variáveis do casal (satisfação sexual, satisfação relacional, duração da relação) e ainda fatores sociais.

A um nível demográfico, o género tem sido relacionado com a infidelidade, sendo os homens descritos como se envolvendo mais frequentemente em relações extramaritais (Allen et al., 2005; Labrecque & Whisman, 2017). A idade, escolaridade e salário têm sido variáveis

também associadas à infidelidade, apesar de não ter sido encontrado um padrão consistente entre estudos quanto ao seu papel (Fincham & May, 2017). Várias outras características individuais têm sido associadas à infidelidade, tais como o historial prévio de infidelidade, o número de parceiros sexuais, o neuroticismo, o stress psicológico e o estilo de apego evitante (DeWall et al., 2011). No que concerne as atitudes perante a infidelidade, a infidelidade é mais prevalente em indivíduos com atitudes permissivas em relação ao sexo, maior vontade de envolvimento em sexo casual, sexo sem proximidade, amor ou algum tipo de compromisso (Blow & Hartnett, 2005; Mattingly et al., 2011).

No que respeita à história familiar, ter tido experiências de infidelidade na família de origem tem sido positivamente associado a uma maior tendência para envolvimento em comportamentos de infidelidade (Weiser et al., 2017). A relação dos pais é a primeira e mais importante relação que um indivíduo observa, sendo que as crianças aprendem como desenvolver e manter relações de proximidade baseando-se nesta informação (Hare et. al, 2009).

Já no que se refere a fatores relacionais, verifica-se que estes têm sido os mais fortemente relacionados com a prática da infidelidade. Aqui a literatura dá destaque à diminuição da satisfação na relação primária, interesse sexual ou romântico por outro e disposição pessoal (Scheeran et al., 2018). Outro fator da ordem da conjugalidade associado à prática da infidelidade consiste na incompatibilidade relacional no que concerne a educação, religião, costumes e valores sexuais - esta incompatibilidade causa sensação de desconexão entre os membros do casal (Khojaste et al., 2020).

Relativamente a diferenças entre géneros, a literatura indica que as mulheres consideram mais negativamente comportamentos de infidelidade do tipo emocional do que os homens, sendo que estes reprovam mais os comportamentos de tipo sexual, sendo esta uma perspetiva com encaixe numa leitura evolutiva (Cann et al., 2001; Kato, 2021; Knight, 2010). Estudos nesta linha relacionada com papéis sociais de género, evidenciam que as mulheres tendem a considerar o envolvimento emocional intenso fora da relação como um comportamento extremamente infiel, mesmo não havendo contacto físico (Edlund et al., 2006), salientando as diferenças dos homens, que dariam prioridade o contacto físico, sem envolvimento emocional (Lalasz & Weigel, 2011).

Não obstante, as experiências individuais de socialização são determinantes na forma como cada um internaliza narrativas e expectativas relacionadas a relações românticas, bem

como, quais os comportamentos apropriados. Sternberg (1995) propôs uma série de “histórias” que definem as diferenças individuais no que concerne pontos de vista em relação ao amor e ao romance, assumindo que estes se vão desenvolvendo à medida que somos expostos a modelos nos relacionamentos, e à medida que os vamos vivenciando, influenciando a forma como avaliamos e vivemos as nossas próprias relações.

No que respeita às consequências da infidelidade, podemos verificar que está descrita uma associação entre infidelidade e problemas de saúde mental, principalmente depressão, ansiedade e stress pós-traumático (Bird et al., 2007). A causa das consequências emocionais após a infidelidade é complexa, estando relacionada com questões sociais, culturais e evolutivas (Shackelford et al., 2000). O custo da infidelidade pode ser extremamente alto dadas as expectativas de fidelidade numa relação monogâmica. Este comportamento pode, de facto, ser extremamente disruptivo para uma relação, tendo um forte impacto no bem-estar de ambos os membros do casal (Vowels et al., 2022). A infidelidade tem um efeito extremamente prejudicial para o relacionamento íntimo no que concerne a duração da relação e bem-estar e autoestima do parceiro traído, sendo uma das principais causas de divórcio (Warach & Josephs, 2021).

Não obstante, recentemente, cada vez mais investigações realizadas através da descrição de casos clínicos têm vindo a salientar a oportunidade que a infidelidade pode trazer aos casais, apesar da imensa literatura que se foca na dimensão negativa da infidelidade (Previti & Amato, 2004; Hnatkovičová et al., 2022). Um recente estudo qualitativo realizado por Hnatkovičová e colaboradores (2022) que contou com 104 participantes de nacionalidade eslovaca, teve como objetivo explorar os efeitos positivos subjetivos da infidelidade. Foram criadas quatro categorias que descreveram a função positiva da infidelidade: melhoria na qualidade da relação, satisfazer necessidades relacionais que não eram atendidas anteriormente, facilitar o processo de tomada de decisão antes da transição para uma relação séria ou, em contraste, facilitar o fim de uma relação já desejado. Existem, portanto, indícios que a ocorrência de crescimento pessoal e relacional após a ocorrência de infidelidade é possível.

A investigação tem se preocupado também em descrever os fatores que motivam os membros de uma relação a não terminar após a descoberta da infidelidade. Daqui salienta-se a motivação para permanecerem juntos, a procura de significado, a existência de atos de bondade dentro da relação e o apoio social (Abrahamson et al., 2012). Isto não significa, no entanto, que o processo de reconciliação tenha deixado de ser considerado, maioritariamente, como um processo difícil, em que dinâmicas relacionais tiveram de ser alteradas de forma a reconstruir a

confiança, e, num dos pontos mais importantes, se tiver de ter comunicado sobre o significado da infidelidade para ambos os membros da relação.

Neste ponto da revisão de literatura, fica mais evidente que a leitura linear de causalidade em que a infidelidade causa mau estar no casal será reducionista, sendo necessário incluir também o facto de muitas vezes a infidelidade ser também consequência – para além de causa – da insatisfação no casal (Previti & Amato, 2004).

Onde existe maior consenso quanto à possibilidade de consequência negativas da infidelidade é nos elementos e subsistemas para além da díade do casal (Negash & Morgan, 2016; Schmidt et al., 2015). De acordo com a Teoria dos Sistemas Familiares, os indivíduos estão de certa forma conectados com os membros da sua família, ou seja, neste caso, as experiências negativas de infidelidade parental não estão limitadas à díade do casal (Negash & Morgan, 2016; Yoshimura & Galvin, 2018). O stress associado a eventos negativos, tais como a infidelidade, que ocorram no sistema familiar poderá, assim, alterar significativamente as interações familiares e, conseqüentemente, afetar o sentimento de segurança e bem-estar da criança (Amato & Afifi, 2006).

Um estudo longitudinal mostrou uma associação mais forte entre a sensação de segurança da criança e a sua observação do relacionamento dos pais, do que a relação emocional entre filho e pais (Kawar et al, 2019). Nesta linha, Platt e colaboradores (2008), equacionaram os efeitos a longo prazo da infidelidade parental no funcionamento interpessoal, descrevendo como ao perceber a infidelidade dos pais e a perda de confiança, o filho no futuro poderá ter receio antes de se envolver em relações amorosas, ter uma visão mais negativa dos outros, dificuldade a desenvolver relações de confiança e medo de que o padrão observado nos pais se repita (L. Platt et al., 2008). No mesmo sentido, um estudo realizado por Schmidt e colaboradores (2016) demonstrou que níveis altos de conflito e ocorrência de infidelidade parental estão, de facto, associados a níveis baixos de ética relacional vertical, ou seja, diminuição da confiança entre os membros da família e um maior potencial para conflitos relacionados com lealdade.

Possíveis moderadores

Diferenciação do *Self*

A Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen, através de conceitos como a diferenciação e a triangulação, ajuda-nos a compreender a forma como as relações parentais

têm impacto nos filhos, e como se constituem como padrões ao longo das gerações (Perlman, 2010). De acordo com esta teoria, algo fundamental para a intimidade, mutualidade e longevidade de uma relação amorosa é o conceito de diferenciação do *self*. Esta teoria afastou-se drasticamente das teorias existentes sobre o funcionamento humano, ao considerar a família como uma unidade emocional e, o indivíduo, como uma unidade pertencente, ou seja, dando uma nova importância à relação (Kerr, 1988).

Kerr (1988) salienta que a diferenciação é uma força inerente à condição humana que impulsiona a criança em desenvolvimento a se tornar numa pessoa emocionalmente diferenciada, com a capacidade de agir, pensar e sentir por si própria, apesar da existência de uma outra força, de união, que mantém os membros de uma família conectados emocionalmente e interdependentes. Se estas duas forças vitais não forem balanceadas e, conseqüentemente, o indivíduo não conseguir uma separação emocional saudável da sua família de origem, o apego inicial nunca é resolvido (Kerr, 1998; Skowron, 2000).

A diferenciação do *self* consiste em duas dimensões distintas: intrapessoal, em que o sujeito deverá ser capaz de utilizar a lógica, distinguir sentimentos de pensamentos e autorregular-se e interpessoal, em que, perante a intimidade com o outro, o indivíduo tem a capacidade de preservar a sua autonomia. À dimensão intrapessoal, pertencem os conceitos de reatividade emocional e posição do eu. Indivíduos bem diferenciados têm um sentido de *self* definido e coeso, têm a capacidade de refletir sobre as próprias ações e emoções, reagindo de forma pensada e ponderada. Em contraste, indivíduos pouco diferenciados são mais dependentes do ponto de vista emocional, têm mais dificuldade em defender o seu ponto de vista e em agir por vontade própria. Em situações de stress, reagem de forma agressiva, exagerada, tendo dificuldade em manter a calma (Major et al., 2014; Rodríguez-González et al., 2019; Skowron & Schmidtt, 2003). Relativamente à dimensão interpessoal, fazem parte os conceitos de *cut-off* emocional e fusão com o outro. Quando os níveis de diferenciação do *self* são altos, os indivíduos têm a capacidade de gerir a intensidade emocional, enquanto indivíduos pouco diferenciados, tendem a afastar-se, isolando-se do outro e das suas próprias emoções. No que concerne o envolvimento e dependência do outro para tomar decisões, pessoas demasiado fusionais dependem demasiado do outro, procurando a sua constante aprovação – não possuem crenças próprias (Major et al., 2014; Rodríguez-González et al., 2019; Skowron & Schmidtt, 2003).

A capacidade de um indivíduo conseguir identificar e diferenciar o seu *self* como sendo uma entidade separada dos outros que o rodeiam tem sido associado a um desenvolvimento

emocional saudável (Bohlander, 1995). Um grau maior de diferenciação permite, assim, que o indivíduo consiga tomar a sua própria posição em relações importantes, ou seja, conseguir manter um senso de *self* em situações de intensidade emocional (Jankowski et. al, 2012). Existe, então, um equilíbrio entre duas forças: a motivação para união, conexão e dependência e o desejo de individualidade, autonomia e separação (Jenkins et al., 2005).

De uma perspectiva sistêmica, níveis mais baixos de diferenciação do *self* têm consequências não só para a dimensão pessoal, mas também familiar e do casal (Bowen, 1978). Rodríguez-González (2017) numa recente revisão de literatura evidenciou que níveis mais altos de diferenciação do *self* estão associados a níveis mais baixos de sofrimento psicológico e que o fator que têm um maior efeito é a reatividade emocional. Especificamente salientando a importância do papel da diferenciação do *self* na sexualidade, Ferreira e colaboradores (2014), num estudo que contou com 428 participantes e que teve como objetivo analisar o papel da diferenciação do *self* na satisfação conjugal e na sua relação com o desejo sexual e intimidade, concluiu que a diferenciação do *self* é preditora de satisfação, intimidade e desejo sexual, tendo este mediado a associação entre diferenciação e satisfação.

A diferenciação poderá também funcionar como moderador das consequências negativas da exposição a eventos negativos. Quanto maior for o stress a que uma pessoa está sujeita, maior a probabilidade de padrões disfuncionais associados a níveis baixos de diferenciação surgirem, padrões estes que aumentam a propensão a estados de ansiedade, depressão e outros estados de sofrimento emocional que consequentemente irão afetar as relações (Rodríguez-González et. al, 2019). Noutro estudo, realizado por Heintzelman e colaboradores (2014) com participantes que permaneceram numa relação após a ocorrência de infidelidade e que teve como objetivo examinar a relação entre diferenciação do *self*, perdão e crescimento pessoal após uma situação traumática, foi reportado que a diferenciação do *self* foi positivamente associada à capacidade de perdoar, tendo também moderado a relação entre trauma e perdão.

Indivíduos bem diferenciados conseguem funcionar de uma forma autónoma sem ser emocionalmente dependentes do processo familiar, tendo a capacidade de resistir aos efeitos do stress, em parte por terem estratégias de resolução de problemas objetivas e focadas no problema, ao invés de respostas evitativas ou orientadas para a emoção, ou seja, a diferenciação do *self* tem um efeito moderador ao proteger os indivíduos de stressores (Murdock & Gore, 2004). Neste estudo procuramos estender este efeito da diferenciação do *self* à proteção do funcionamento sexual feminino quando existe história de infidelidade prévia.

Coping Diádico

Como segundo bloco de moderadores, recorreremos a estratégias de coping que, tradicionalmente, têm sido consideradas exatamente um conjunto de estratégias cognitivas e comportamentais adaptativas utilizadas pelo sujeito perante situações adversas ou causadoras de stress (Antoniazzi et. al, 1998; Costa & Leal, 2006), como são os eventos negativos ou, em específico, pode ser a infidelidade.

Durante muito tempo, a investigação sobre stress e estratégias de coping focou-se na perspectiva individual, sem considerar o processo e contexto relacional, estando limitado apenas ao stress individual e no papel do parceiro ao reduzir esse stress (Lazarus & Folkman, 1984). Mais recentemente, foi adotada uma perspectiva mais sistémica, perspectiva esta que veio alterar a visão existente sobre o stress e coping, que assumia que o stress individual afetava apenas um membro do casal, e não os dois. O stress diádico envolve todos os tipos de stress, seja ele emocional ou focado num problema específico, e afeta diretamente a díade do casal (e.g comunicação pouco eficaz, problemas financeiros) e, no mesmo sentido, surge o conceito de coping diádico (Bodenmann, 1995). O coping diádico consiste numa abordagem interpessoal e processual para lidar com stressores em relações românticas, baseando-se em três aspetos cruciais: o reconhecimento de interdependência da experiência causadora de stress, a assunção de que, à partida, o parceiro é a fonte mais importante de suporte em alturas de stress e que a natureza dinâmica do coping diádico é um processo contínuo (Bodenmann, 2005).

O modelo transacional sistémico enfatiza a interdependência entre o stress entre os parceiros, o stress diádico, e as estratégias e recursos utilizados pelos parceiros para lidar com esse stress, ou seja, o coping diádico. A passagem do stress individual (e.g stress no local de trabalho) de um parceiro para o outro e o stress de ambos os parceiros provenientes de causas comuns (e.g tarefas domésticas, filhos) determinam a avaliação conjunta de situações stressantes, desencadeando estratégias de coping diádicas, para além das individuais.

Bodenmann (1995) descreve o coping diádico como um processo, que pode ser descrito da seguinte forma: um dos parceiros expõe o eu stress ao outro, de forma verbal ou não verbal. Ao apreender o stress do parceiro, interpreta-o e pode reagir de diversas formas – pode ignorar os sinais de stress por falta de motivação ou de competências, pode ocorrer uma situação em que o parceiro conseqüentemente reporta também níveis mais altos de stress ou então, surgem formas positivas ou negativas de coping diádico.

Existem dois tipos de coping diádico: positivo e o negativo. O coping diádico positivo consiste em demonstrações diretas de apoio por parte do parceiro, tais como atividades de suporte, estratégias de comunicação adequadas, aconselhamento prático, eficaz e empático face ao stress do parceiro. Quando os dois membros do casal são afetados, ambos procuram estratégias de resolução de problemas em conjunto e existe partilha de emoções e sentimentos. O coping diádico pode ser focado em emoções ou na resolução de problemas (Bodenmann, 2005; Landis et al., 2013). O coping negativo, por sua vez, é um tipo de coping que pode ser hostil, baseado em críticas, ofensas, hostilidade e desinteresse pelos sentimentos do outro. Pode também ser superficial, pautado por falta de empatia e desvalorização. Também é considerado como coping negativo, situações em que o apoio ao parceiro stressado é prestado, mas deixando claro que o seu apoio não seria necessário (Bodenmann, 2005).

O coping diádico tem sido sistematicamente associado – em estudos correlacionais e longitudinais - ao funcionamento da relação e ao bem-estar físico e emocional dos membros do casal (Bodenmann et al., 2011; Rusu et al., 2015). Estratégias de coping diádico positivo têm sido relacionadas a satisfação relacional, estabilidade na relação e bem-estar individual (Bodenmann & Cina, 2006; Falconier et al., 2015; Landolt et al., 2023). Por sua vez, a utilização de estratégias de coping diádico negativo é preditora de uma menor satisfação conjugal (Bodenmann, 2005).

Especificamente na dimensão sexual, Wawrziczny e colaboradores (2021) mostraram uma associação entre o coping, tanto o positivo como o negativo, e a insatisfação sexual. O efeito do coping diádico positivo foi significativamente mais forte para as mulheres, e a relação entre as características conjugais e o coping diádico positivo foi significativamente mais forte para os homens. Ao nível da comunicação sexual, um estudo de Yurkiw e Johnson (2021) mostraram que níveis mais altos de coping diádico estavam associados a níveis mais altos de comunicação sexual.

A literatura é, deste modo, consistente em considerar o coping diádico como uma variável a considerar no estudo dos moderadores dos efeitos negativos de eventos passados e funcionamento humano.

Presente Estudo

O presente estudo tem como principal objetivo compreender o efeito de experiências familiares negativas, nomeadamente da infidelidade, no funcionamento sexual feminino e o

papel que a diferenciação do *self* e o coping diádico podem ter como protetora dessas experiências.

Apesar de se reconhecer a nível clínico e de investigação que a infidelidade tem impacto além da díade do casal (Negash & Morgan, 2016; Schmidt et al., 2015), poucos estudos se têm focado nos outros elementos do sistema familiar. Alguma evidência chega-nos através de estudos que analisam o impacto do conflito parental, já tipificando as causas do conflito e especificando a infidelidade (Borst, 2015). Outros estudos, na linha dos quais este estudo se insere, trabalham já com populações adultas, focando-se nos efeitos ao nível dos relacionamentos românticos já na idade adulta (Platt et al., 2008; Weiser & Weigel, 2017).

Destes efeitos, é de salientar alguma consistência de resultados quanto à repetição de padrões de infidelidade (Weiser & Weigel, 2017) e menos consistência quanto a efeitos negativos - visão negativa de si e dos outros (Platt et al., 2008). Especificamente no que diz respeito à principal variável de estudo, o funcionamento sexual, pouca literatura foi encontrada. Há alguma evidência de que experiências negativas familiares, definidas de forma lata, estão associadas a dificuldades sexuais em adultos (Kinz et al., 1995). No mesmo sentido, um estudo com adultos que tinham conhecimento de infidelidade parental mostrou que afeto negativo associado à infidelidade estava associado a atitudes mais conservadoras quanto ao sexo (Pearman, 2010).

Neste sentido, este estudo tem como primeiro objetivo descrever a relação entre conhecimento de uma infidelidade parental própria e na família de origem e o nível de funcionamento sexual.

No entanto, a primeira predição é a de que a associação entre conhecimento de uma infidelidade parental e o nível de funcionamento sexual seja qualificada pelo nível de diferenciação do *self* das participantes, isto é, que quanto mais alto o nível de diferenciação do *self* menos significativa será a relação entre conhecimento de infidelidade parental e o nível de funcionamento sexual, prevendo-se que esta associação seja mais negativa em níveis mais baixos de diferenciação do *self*.

Esta hipótese de moderação é deduzida não só pelos efeitos diretos da diferenciação do *self* em termos de saúde física (Peleg et al., 2018), mental (Jankowski et al., 2013) e especificamente em termos da dimensão sexual (Ferreira et al., 2014), mas também porque pessoas com níveis mais altos de diferenciação do *self* têm sido consistentemente descritas

como mais capazes de lidar com as emoções que surgem em situações interpessoais desafiantes (Miller et al., 2004; Rodríguez-González et al., 2019).

Seguindo a mesma lógica, espera-se também que o nível de funcionamento sexual seja também qualificado pelos níveis de coping diádico das participantes, no sentido em que quanto mais alto o nível de coping diádico positivo das participantes, e menor o nível de coping diádico negativo, menos negativos serão os efeitos do conhecimento da infidelidade própria e parental e o nível de funcionamento sexual.

Método

Delineamento e participantes

O presente estudo é um estudo quantitativo com um delineamento correlacional. Um total de 819 participantes com mais de 18 anos de idade e que se identificavam com o género feminino participaram no presente estudo. 291 foram excluídos por não preencherem na totalidade a escala de diferenciação do *self*, sendo a amostra final composta por 518 participantes. As participantes têm idades compreendidas entre os 18 e 77 anos de idade ($M = 33.2$; $DP = 13.35$). No que concerne as características sociodemográficas da amostra do presente estudo, 88.2% das participantes nasceram em Portugal, 3% noutra país da EU, 4.6% na América do Sul e 1.2% em África. Relativamente às habilitações literárias das participantes, 71.3% possui um grau académico universitário, 23.2% o ensino secundário e 5.6%, até ao 9º ano. Sobre a situação relacional, 27.9% das participantes são solteiras, 24.6% encontram-se numa relação sem coabitação, 14.7% numa relação com coabitação, 25% são casadas, 7.2% são divorciadas e .6% são viúvas.

Procedimento e Instrumentos

Este estudo foi previamente aprovado pela Comissão de Ética do Centro de Investigação do ISPA – Instituto Universitário [Anexo 1].

As participantes desta amostra por conveniência foram recrutadas através das redes sociais (*Facebook, Instagram, Whatsapp*), onde foi divulgado [Anexo 2], durante um mês, o link para o formulário na plataforma *Qualtrics*, onde constava cada um dos instrumentos. Esta dissertação enquadra-se dentro do estudo “Transmissão Transgeracional e Funcionamento Sexual no Feminino”, com um protocolo mais alargado.

Foi, em primeiro lugar, aplicado o Consentimento Informado (Anexo 3), que continha uma breve descrição dos objetivos do estudo e os direitos do participante, tais como a confidencialidade, anonimato, proteção de dados, bem como a possibilidade de desistência a qualquer altura. De seguida, os participantes preencheram os quatro instrumentos utilizados no estudo, previamente autorizados pelos autores das escalas: Questionário Sociodemográfico (Anexo 3), Inventário de Diferenciação do Self versão abreviada (DSI-F), Inventário de Coping Diádico (ICD) (apenas para quem afirmou estar numa relação) e, finalmente, o Índice de Funcionamento Sexual Feminino – 6 (FSI-6). A realização deste questionário tinha, em média, a duração de 10 minutos.

Infidelidade

A infidelidade foi medida através de uma escala dicotómica “Sim” e Não”. A seguinte questão foi colocada: “Tem conhecimento da ocorrência de algum tipo de infidelidade” (1) “Numa relação que eu tive”; (2) “Com os meus pais (ou só com um deles)”.

Inventário de Diferenciação do Self, versão abreviada (DSI-F)

O Inventário de Diferenciação do Self (DSI-F) foi criado por David Sloan e Dirk van Dierendock (2016), sendo uma versão abreviada do DSI-R de Skowron e Schmidt (2004). Realizou-se a tradução e posterior retroversão da escala original, com uma revisão final realizada por um tradutor independente. É, um questionário de autorresposta constituído por vinte itens avaliados por uma escala tipo Likert de 6 pontos em que “1” corresponde a “Nunca” e “6” corresponde a “Muitas vezes”. Encontra se dividida em 4 subescalas: Reatividade Emocional (e.g., “Por vezes os meus sentimentos tiram o melhor de mim e tenho dificuldade em pensar com clareza”), Posição do Eu (e.g., “Quando estou a ter uma discussão com alguém, consigo separar os meus pensamentos sobre o problema dos meus sentimentos dos pela pessoa), *Cut-off* Emocional (e.g., “Quando uma das minhas relações se torna muito intensa, tenho vontade de fugir dela”) e Fusão com os Outros (e.g., “Sinto uma necessidade de aprovação de praticamente toda a gente na minha vida”). Os resultados das análises fatoriais confirmatórias [Anexo 6] que tiveram como objetivo comparar o ajuste do modelo entre a presente escala e as anteriores medidas de Diferenciação do *Self*, indicaram que o DSI-F teve o ajuste de modelo mais forte, consistência interna e correlações semelhantes com as outras escalas. Foi realizada uma análise fatorial confirmatória que teve como objetivo confirmar a estrutura fatorial

proposta anteriormente. Os índices de ajustamento demonstraram ser adequados ($\chi^2/gl = 2.809$, $CFI = .865$, $TLI = .844$, $RMSEA = .059$). Foram, de seguida, calculados os quatro índices correspondentes às quatro subescalas, a partir da média dos cinco itens que compõe cada uma delas: Reatividade Emocional ($\alpha = .799$, $M = 3.843$, $DP = 1.068$), Posição do “Eu” ($\alpha = .469^1$, $M = 3.494$, $DP = .826$), *Cut-off* Emocional ($\alpha = .582$, $M = 2.423$, $DP = .903$) e Fusão com os Outros ($\alpha = .688$, $M = 3.376$, $DP = .935$).

Inventário de Coping Diádico (ICD)

O Inventário de Coping Diádico foi criado por Bodenmann (2008) tendo sido validada por Vedes e colaboradores (2003) para a população portuguesa. A escala é constituída por dezassete itens avaliados por uma escala do tipo Likert em que 1 corresponde a “muito raramente” e 5 a “muito frequente”. Foram utilizadas cinco subescalas da escala original, três delas de coping diádico positivo (coping diádico de suporte pelo próprio focado em emoções, coping diádico pelo parceiro focado em emoções e coping diádico conjunto focado em emoções) e duas subescalas de coping negativo (coping diádico negativo pelo próprio e coping diádico negativo pelo parceiro). De acordo com uma das soluções fatoriais teóricas propostas por Bodemann (2005), testou-se a organização desta medida em dois fatores: coping diádico positivo e coping diádico negativo. Foi realizada uma Análise Fatorial Confirmatória [Anexo 7], utilizando o estimador *DWLS*, que revelou uma estrutura fatorial com índices de ajustamento adequados ($\chi^2/gl = 1.125$, $CFI = .997$, $TLI = .996$, $RMSEA = .020$). Foram então computados dois índices, um através da média dos nove itens do coping diádico positivo ($\alpha = .866$, $M = 3.949$, $DP = 1.884$) e outro pela média dos oito itens do coping diádico negativo ($\alpha = .824$, $M = 1.884$, $DP = .665$).

¹A fiabilidade dos fatores posição do “eu” e *cut-off* emocional são sub-ótimos. De acordo com Marôco e Garcia-Marques (2006), quando um alfa de Cronbach é reduzido, importa garantir em primeiro lugar que não estamos face a uma baixa validade de construto. No caso da nossa dissertação, esta validade de construto foi assegurada pela Análise Fatorial Confirmatória acima descrita. Assim sendo, este resultado indica-nos um elevado erro de medida que aumenta a probabilidade de os resultados não serem significativos. Uma vez que este erro de medida vai contra a nossa hipótese, e com outras indicadores favoráveis, optou-se por manter esta estrutura fatorial. Salienta-se ainda a realização de uma Análise Fatorial Exploratória, cuja estrutura fatorial não apresenta melhoria significativa dos indicadores de fidedignidade aqui descritos.

Índice de Funcionamento Sexual Feminino – 6 (FSFI-6)

O Índice de Funcionamento Sexual Feminino – 6 (FSFI-6) (Anexo 8) é um instrumento que tem como objetivo a medição do funcionamento sexual feminino, essencial para a compreensão da sexualidade feminina. É uma versão abreviada do Female Sexual Function Index (FSFI), criado por Isidori e colaboradores (2006) e validado para a população portuguesa por Pechorro e colaboradores (2017). É um instrumento multidimensional que avalia importantes domínios do funcionamento sexual feminino, sendo estes a excitação, lubrificação, satisfação, orgasmo e dor através de um questionário curto, de autorresposta (Pechorro et. al, 2017). A escala consiste em seis itens avaliados por uma escala tipo Likert, sendo que cada um destes 6 itens corresponde a cada um dos domínios supracitados, sendo que os itens referentes à excitação, lubrificação e dor, só se aplicam para quem relata ter tido relações sexuais num período recente. Até ao momento, todos os resultados de estudos realizados indicam que a FSFI-6 é uma medida curta, válida e fiável no que concerne a avaliação do funcionamento sexual feminino (Pechorro et. al, 2017). A estrutura unifatorial teoricamente proposta foi testada com a realização de um Análise Fatorial Confirmatória [Anexo 11] dos seis itens. A análise apresentou dois índices de ajustamento adequados ($CFI = .942$, $TLI = .903$) e dois abaixo dos níveis convencionados ($\chi^2/gl = 3.158 > 3$, $RMSEA = .084 > 7$). Observou-se um loading baixo para o item Dor. Após testar outras soluções fatoriais e o respetivo impacto nos resultados do estudo, a estrutura fatorial teórica manteve-se. Foi computado, então, um índice do Funcionamento Sexual Feminino através da média simples dos seis itens ($\alpha = .693$, $M = 3.237$, $DP = .777$).

Resultados

Na Tabela 1, apresentam-se as estatísticas descritivas da variável infidelidade. Das 518 participantes do estudo que responderam a esta questão, 40.4% afirmaram ter tido uma relação em que ocorreu infidelidade e 27.2% assumiu ter conhecimento de infidelidade na relação dos pais.

De seguida, realizou-se uma análise de correlações univariada que teve como objetivo explorar as relações existentes entre os dois tipos de infidelidade estudadas no presente estudo. É possível observar que os tipos de infidelidade se relacionam positiva e significativamente entre si ($r = .217$, $p > .05$).

Tabela 1.*Matriz de Correlação das variáveis Infidelidade do Próprio e Infidelidade dos Pais*

	1	2
1. INF-PRO	-	
2. INF-P	.217**	-

Nota: **INF-PRO:** Infidelidade do Próprio; **INF-P:** Infidelidade dos Pais; ** $p < .01$.

Tabela 2.

Matriz de Correlações das variáveis Infidelidade, Funcionamento Sexual Feminino, Diferenciação do Self e Coping Diádico

	1	2	4	5	6	7	8	9	10
1. INF-PRO	-								
2. INF-P	.217*	-							
3. FSF	-.046	-.011	-						
4. DS – RE	-.077	-.086	-.125**	-					
5. DS – PE	.056	-.016	.046	-.170**	-				
6. DS – CE	-.054	-.078	-.243**	.448**	-.047	-			
7. DS – FO	-.025	-.085	-.133**	.705**	-.150**	.511**	-		
8. CD – P	.045	.053	.238**	-.111	.132*	-.342**	-.190**	-	
9. CD – N	.036	-.135*	.024	.027	.008	-.046	.068	.049	-

Nota: **INF-PRO:** Infidelidade do Próprio; **INF-P:** Infidelidade dos Pais; **FSF:** Funcionamento Sexual Feminino; **DS – RE:** Diferenciação do *Self*, fator Reatividade Emocional; **DS – PE:** Diferenciação do *Self*, fator Posição do “Eu”; **DS – CE:** Diferenciação do *Self*, fator *Cut-Off* Emocional; **DS – FO:** Diferenciação do *Self*, fator Fusão com os Outros; **CD – P:** Coping Diádico Positivo; **CD – N:** Coping Diádico Negativo. ** $p < .01$; * $p < .05$.

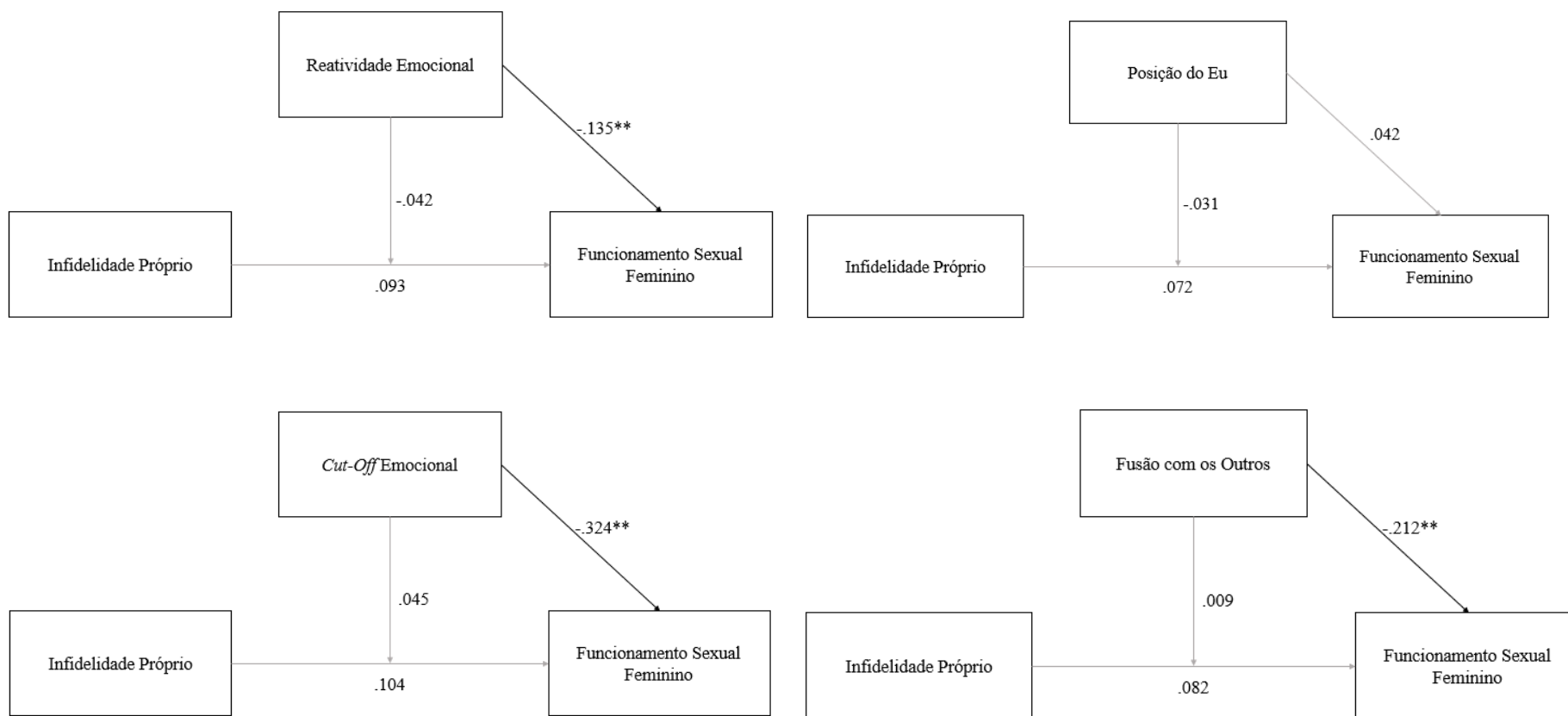
Já entrando na exploração da relação entre as variáveis em estudo, foi realizada uma correlação univariada entre as variáveis. Podemos observar de forma clara na Tabela 2 que a variável funcionamento sexual feminino não se relaciona com os nossos principais preditores de infidelidade passada. No entanto, relaciona-se negativa e significativamente com os fatores reatividade emocional, *cut-off* emocional, e fusão com o outro, itens cujos valores mais elevados indicam baixa diferenciação do *self*. No que concerne o coping diádico, o funcionamento sexual feminino relaciona-se positivamente tanto com o coping negativo como o positivo, mas apenas a relação entre funcionamento sexual feminino e coping positivo é significativa. Na relação entre moderadores, o coping positivo relaciona-se positiva e significativamente com o fator posição do eu e, negativamente, com os fatores *cut-off* emocional e fusão com o outro. Por sua vez, o coping negativo relaciona-se negativa e significativamente com a infidelidade dos pais.

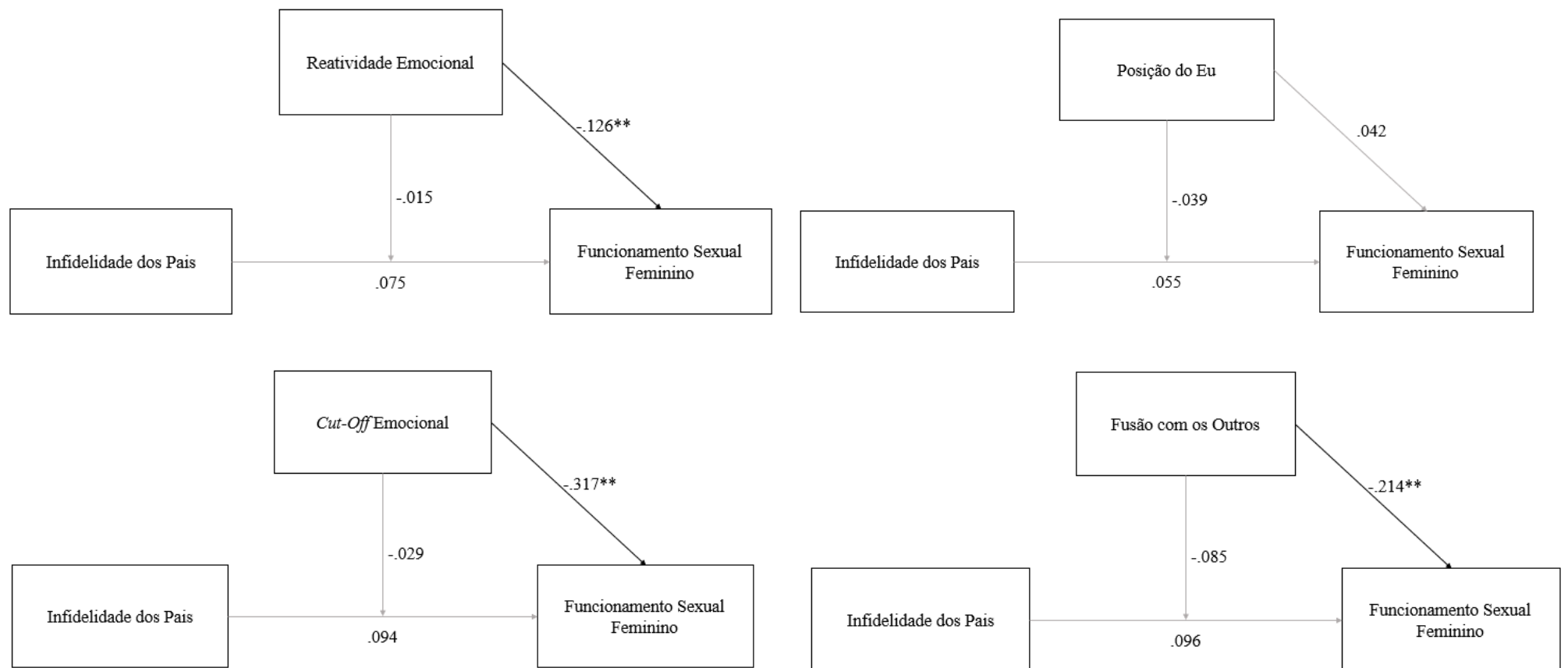
Foi realizada uma análise de moderação com o objetivo de investigar em que medida os níveis de diferenciação do *self* moderavam a relação entre os dois tipos de infidelidade (do próprio, dos pais) e o funcionamento sexual feminino. Foram realizadas oito análises de moderação, através do PROCESS Macro (versão 4.2) (Modelo 1; Hayes, 2022), com bootstrapping de 5000 simulações.

Através da análise dos modelos apresentados na Figura 1, podemos observar que as nenhum dos tipos de infidelidade teve efeito direto no funcionamento sexual feminino. No mesmo sentido, as moderações previstas pela diferenciação do self não foram significativas. A relação entre a infidelidade do próprio e o funcionamento sexual feminino não foi moderada pelo fator reatividade emocional ($B = -.0428$; $SE = .0799$; $IC\ 95\% [-.1998, .01141]$), nem pelo fator posição do eu ($B = -.0313$; $SE = .1060$; $IC\ 95\% [-.2396, .1771]$), nem pelo fator *cut-off* emocional ($B = .0454$; $SE = .0882$; $IC\ 95\% [-.1280, .2188]$), nem pelo fator fusão com o outro ($B = .0095$; $SE = .0888$; $IC\ 95\% [-.1650, .1839]$).

De igual modo, a relação entre a infidelidade dos pais e o funcionamento sexual feminino não foi moderada pelo fator reatividade emocional ($B = -.0154$; $SE = .0877$; $IC\ 95\% [-.1878, .1569]$), nem pelo fator posição do eu ($B = -.0393$; $SE = .1191$; $IC\ 95\% [-.2734, .1948]$), nem pelo fator *cut-off* emocional ($B = -.0296$; $SE = .1040$; $IC\ 95\% [-.2339, .1747]$), nem pelo fator fusão com o outro ($B = -.0851$; $SE = .0973$; $IC\ 95\% [-.2763, .1061]$).

Figura 1. Modelos de moderação entre os dois tipos de Infidelidade e a Diferenciação do Self





Nota: ** $p < .01$;

Não obstante, foi verificado um efeito direto negativo e significativo no que concerne a infidelidade do próprio, entre os três fatores da diferenciação do *self*: reatividade emocional ($B = -.1355$; $SE = .0393$; $IC\ 95\% [-.2127, -.0582]$), *cut-off emocional* ($B = -.3242$; $SE = .0439$; $IC\ 95\% [-.4105, -.2380]$), fusão com o outro ($B = -.2124$; $SE = .0433$; $IC\ 95\% [-.2975, -.1272]$) e o funcionamento sexual feminino. Não foi encontrado nenhuma relação significativa entre o fator posição do eu e o funcionamento sexual feminino ($B = .0422$; $SE = .0522$; $IC\ 95\% [-.0603, .1448]$).

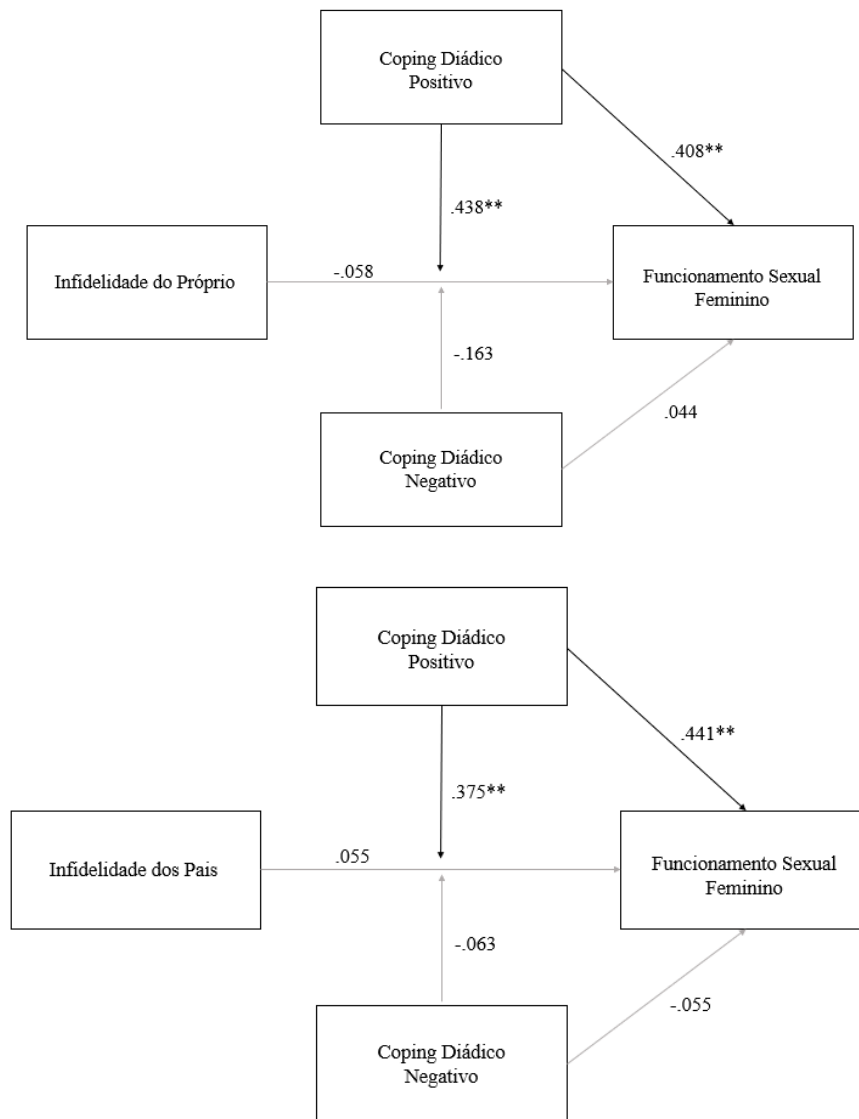
Foi encontrado, também, um efeito direto e significativo, relativo à infidelidade dos pais, entre os três fatores da diferenciação do *self*: reatividade emocional ($B = -.1265$; $SE = .0396$; $IC\ 95\% [-.2044, -.0486]$), *cut-off emocional* ($B = -.3176$; $SE = .0445$; $IC\ 95\% [-.4051, -.2302]$), fusão com o outro ($B = -.2148$; $SE = .0435$; $IC\ 95\% [-.3004, -.1293]$) e o funcionamento sexual feminino. Não foi encontrado nenhuma relação significativa entre o fator posição do eu e o funcionamento sexual feminino ($B = .0429$; $SE = .0528$; $IC\ 95\% [-.0608, .1948]$).

Seguindo a mesma lógica, foi realizada uma análise de moderação com o objetivo de investigar em que medida os níveis de coping diádico positivo e coping diádico negativo moderavam a relação entre os três tipos de infidelidade (do próprio, dos pais e da família alargada) e o funcionamento sexual feminino. Foram realizadas análises de moderação, através do PROCESS Macro (versão 4.2) (Modelo 2; Hayes, 2022), com bootstrapping de 5000 simulações.

Como verificado na Figura 2., a relação entre a infidelidade do próprio e o funcionamento sexual feminino foi moderada pelo coping diádico positivo de forma positiva estatisticamente significativa ($B = .4384$; $SE = .1438$; $IC\ 95\% [.1554, .7213]$) e de forma não estatisticamente significativa pelo coping diádico negativo ($B = -.1631$; $SE = .1468$; $IC\ 95\% [-.4521, .1259]$). Porém, a interação entre ambos (W e Z) é significativa ($R^2 = .0292$, $F = 5.0395$, $p = .0070$). Para melhor compreensão do efeito, decomposemos as relação entre infidelidade e funcionamento sexual para três pontos de corte das variáveis moderadoras: 16% inferior, 64% mediano e 16% superior. Verificamos que quando os valores de coping diádico positivo são mais baixos e os valores de coping diádico negativo médio ($B = -.3569$; $SE = .1416$; $IC\ 95\% [-.6355, -.0782]$) e alto ($B = -.5004$; $SE = .1859$; $IC\ 95\% [-.8662, -.1345]$), existe uma um efeito negativo entre os eventos de infidelidade do próprio e o funcionamento sexual feminino. No outro extremo, quando os valores de coping diádico positivo são mais altos e os valores de coping diádico negativo mais baixos, o efeito inverte-se ($B = .3798$; $SE = .1838$; $IC\ 95\% [.0182,$

.7415]). Em todas as outras combinações, a relação entre a experiência passada de infidelidade e o funcionamento sexual feminino é não significativa.

Figura 2. Modelos de moderação entre os tipos de infidelidade e o coping diádico positivo e o coping diádico negativo



A relação entre a infidelidade dos pais e o funcionamento sexual feminino foi moderada pelo coping diádico positivo de forma positiva e estatisticamente significativa ($B = .3750$; $SE = .1074$; $IC\ 95\% [.0465, .7036]$). Isto significa que quando mais negativo é o coping diádico positivo mais negativa é a relação entre infidelidade e funcionamento sexual feminino e, à medida que o coping diádico positivo aumenta, também o efeito da infidelidade se torna mais positivo. No que respeita ao coping diádico negativo, ele não tem um efeito direto ($B = -$

.0636; $SE = .1554$; $IC\ 95\% [-.3694, .2422]$), tendo apenas um efeito tendencial na moderação dupla ($R^2 = .0158$; $F = 2.646$; $IC\ 95\%$; $p = 0.07$).

Em paralelo, verificou-se um efeito direto positivo entre o coping diádico positivo e o funcionamento sexual feminino no que concerne a infidelidade do próprio ($B = .4083$; $SE = .0712$; $IC\ 95\% [.2681, .5485]$) e dos pais ($B = .4416$; $SE = .0725$; $IC\ 95\% [.2990, .5843]$). Porém, não se verificou um efeito direto significativo entre o coping diádico negativo e o funcionamento sexual feminino no que concerne a infidelidade do próprio ($B = .0440$; $SE = .0716$; $IC\ 95\% [-.0969, .1859]$) e dos pais ($B = .0525$; $SE = .0727$; $IC\ 95\% [-.0906, .1955]$).

Discussão

O presente estudo teve como objetivo investigar a existência de um possível efeito entre a infidelidade do próprio e dos pais no funcionamento sexual feminino. Investigou-se também a possível existência de um efeito moderador da diferenciação do *self* na relação entre infidelidade e o funcionamento sexual feminino, bem como um efeito moderador do coping diádico positivo e negativo nesta mesma relação.

Não foi encontrado um efeito principal significativo entre a infidelidade e o funcionamento sexual feminino. Apesar da extensa literatura que associa a infidelidade a problemas de saúde mental e a autoestima (Bird et al., 2007), a consequências emocionais (Shackelford et al., 2000), e consequências para a díade do casal (Warach & Josephs, 2021), relativamente poucas investigações se têm focado na possível ausência de efeitos ou até nos possíveis efeitos positivos que a prática da infidelidade pode trazer para o casal. Estudos recentes (Hnatkovičová et al., 2021) têm, de facto, salientado alguns destes aspetos positivos, tais como crescimento pessoal e melhoria nos processos comunicacionais. Neste sentido, este resultado mostra como é importante equilibrar o viés presente na literatura, que lança luz quase exclusivamente sobre as consequências negativas.

Fatores importantes a ser considerados são o possível efeito protetor do trauma: apesar de alguns indivíduos experienciarem efeitos negativos duradouros após eventos traumáticos, noutros indivíduos, este efeito poderá ser temporário e promover crescimento pessoal face a adversidades (Bonnano, 2004). Indivíduos que possuam determinadas características pessoais como resiliência, esperança, otimismo e autoeficácia estão mais propensos a desenvolver estratégias de coping positivas e respostas adaptativas e resilientes face a eventos traumáticos (Bonnano, 2004; Snyder et al., 2000). Por outro lado, dados importantes a serem considerados

incluem: a idade em que a infidelidade foi descoberta, o estilo parental dos pais, a qualidade da relação com os pais e respectivas dinâmicas relacionais (Francom, 2021).

Outro resultado a salientar é o facto de a infidelidade do próprio e a infidelidade parental se relacionarem positiva e significativamente entre si, corroborando dados de estudos anteriores que identificam padrões familiares relacionados com a prática da infidelidade, na medida em que ter tido experiências de infidelidade na família de origem tem sido positivamente associado à prática de infidelidade (Weiser et al., 2017).

Relativamente às outras variáveis em estudo, apesar de não se ter encontrado nenhum efeito de moderação da diferenciação do *self*, verificou-se, um efeito direto e negativo entre os fatores reatividade emocional, *cut-off* emocional e fusão com o outro no funcionamento sexual feminino. Sendo que a diferenciação do *self* é um fator de extrema importância na estabilidade e qualidade de relações íntimas e sabendo que esta tem um papel importante na satisfação conjugal e na sua relação com desejo sexual e intimidade (Ferreira et al., 2014), mulheres com níveis mais baixos de diferenciação do *self*, no que concerne alta reatividade emocional, alto *cut-off* emocional e alta fusão com o outro, têm níveis mais baixos de funcionamento sexual. Estes resultados vão de encontro a estudos anteriores que identificaram que a incapacidade de ter um senso de *self* estável e coeso na intimidade com os outros foi preditor de problemas a nível da sexualidade, bem como níveis altos de stress na relação (Burri et al., 2014). Não se verificou relação entre o fator posição do eu e funcionamento sexual feminino, que aqui não interpretaremos teoricamente devido ao erro de medida descrito anteriormente.

Como descrito previamente e de acordo com o modelo circular de Basson (2001), sabemos que o modelo de resposta sexual feminino é extremamente complexo, diferenciando-se do masculino. A resposta sexual da mulher envolve não só os fatores fisiológicos, mas também fatores psicológicos, sociais e emocionais (Woodard & Diamond, 2009). Sabemos que fatores como união, intimidade, respeito e satisfação conjugal têm um papel fundamental no desejo, disposição e satisfação sexual. No estudo de Ferreira e colaboradores (2014), o desejo sexual não mediou a associação entre diferenciação e satisfação nas mulheres, indicando que a satisfação conjugal, para as mulheres, é mais dependente de fatores psicológicos como a intimidade, do que desejo sexual, sendo este, para as mulheres, algo mais dinâmico. Estes dados reforçam a importância da realização deste estudo no feminino.

No que concerne a segunda hipótese de moderação, os resultados mostraram que o coping diádico positivo e negativo moderaram, como previsto, a relação entre infidelidade do

próprio e funcionamento sexual feminino no sentido esperado. O presente estudo indica-nos que os recursos relacionais do casal, que incluem as estratégias de coping, podem ser fatores protetores do efeito negativo do trauma relativo a eventos negativos que possam ter ocorrido: as estratégias de coping diádico moderaram duplamente a relação entre infidelidade e funcionamento sexual feminino. Quando se observa níveis mais baixos de coping diádico positivo combinados com níveis médios ou elevados de coping diádico negativo, existe – aí sim - uma relação negativa entre a infidelidade e o funcionamento sexual feminino. Esta relação é invertida, quando o coping diádico positivo é alto e o negativo é baixo, ou seja, é verificado um efeito protetor e de suporte face a experiências negativas que possam afetar dimensões relacionais, como é o caso do funcionamento sexual feminino. Estudos anteriores descreverem o papel do coping diádico face ao trauma (Lambert et al., 2015; Shi et al., 2021), mas maioritariamente em contexto de stress pós-traumático derivado de acontecimentos externos como doença, morte no meio familiar, acidentes de viação, ou guerra. O presente estudo destaca a importância das estratégias de coping positivo e negativo como promotoras de mudança positiva face a eventos traumáticos, com efeitos no funcionamento sexual, dimensão por si multidimensional.

Importa ainda salientar o papel do coping positivo, em comparação com o negativo. Foi ele o que mais consistentemente se associou à nossa variável dependente. Estes resultados seguem a mesma linha de estudos que associaram níveis mais altos de coping diádico positivo a níveis altos de comunicação sexual (Yurkiw & Johnson, 2021). Sabemos que estratégias positivas de coping diádico trazem benefícios não só para o funcionamento e bem-estar da relação (Rusu et al., 2015), mas também a um nível pessoal (Staff et al., 2017).

Limitações e estudos futuros

Esta pesquisa deve ser considerada tendo em consideração as limitações aqui apresentadas. Primeiramente, apontamos para a escassez de instrumentos válidos e fiáveis que analisem a infidelidade, em concomitância com o facto de este estudo se ter enquadrado num estudo com um protocolo mais alargado, o que nos levou a ter em consideração o cansaço das participantes relativamente ao preenchimento do questionário online, tentando que este fosse o mais breve possível. Como tal, a medida incluída não pode ser considerada insuficiente para abranger a complexidade do(s) conceito(s) de infidelidade e consequências ao nível da sexualidade feminina. No que respeita à medida da infidelidade na família de origem, seria

importante avaliar também, em estudos futuros, qual o tipo de infidelidade ocorrida (emocional, física, ambas), qual o impacto que a infidelidade teve no casal, bem como na família. Isto, cruzado com as crenças em relação à infidelidade da própria e quais as estratégias de coping utilizadas. Outro aspeto relevante a avaliar seria, se no espaço de tempo em que a infidelidade foi descoberta e a atualidade, a participante frequentou sessões de psicoterapia. Seguindo a mesma lógica e relativamente à infidelidade do próprio, a medida “numa relação que eu tive” não permite a distinção entre infidelidade do próprio e infidelidade do parceiro, distinção que seria importante para melhor destringir os dados.

Estudos futuros devem considerar examinar se os filhos discutem, ou se é permitida a discussão ou vontade para discutir assuntos relacionados com a infidelidade parental com membros da família. Estes fatores podem fornecer informações importantes sobre a experiência dos filhos. Devem também recolher dados adicionais sobre o número de anos que se passaram desde que a infidelidade ocorreu/foi descoberta, bem como a idade dos filhos quando descobriram.

É ainda importante realçar que o instrumento utilizado no presente estudo para medir a diferenciação do self (DSI-F) ainda não se encontra validado para a população portuguesa, apesar de as propriedades psicométricas do instrumento original, serem boas. Atualmente, o conceito da diferenciação do *self*, apesar de ter uma forte sustentação teórica, não possui ainda nenhuma medida que tenha propriedades psicométricas ótimas. Seria importante o investimento na revisão das escalas já existentes de forma a obter uma mais fiável. De notar também a importância da revisão teórica dos fatores fusão com o outro e reatividade emocional.

Finalmente, uma nota sobre a assunção de causalidade no modelo, que em estudos de design correlacionais é, totalmente, teórica. Apesar de os modelos de stress acentuarem uma leitura baseada em stressores, processos e outcomes, esta linearidade causal será sempre apenas parte de um processo mais alargado de causalidade circular. De facto, é possível conceptualizar também que um funcionamento sexual menos satisfatório poderia ter consequências na forma como os casais comunicam e, inclusivamente, poderemos considerar as experiências de infidelidade também como uma consequência da insatisfação, não apenas uma causa.

Implicações Clínicas

O efeito da infidelidade na forma como a mulher se relaciona com os outros e vive a sua sexualidade, pode ter implicações significativas para a prática clínica.

Desde os primeiros estudos com profissionais de saúde sobre infidelidade (Knapp, 1975) até aos estudos mais atuais (Grunt-Mejer & Łys, 2022), houve evidência de atitudes predominantemente negativas face à infidelidade. É inclusivamente uma das problemáticas consideradas mais difíceis de lidar em psicoterapia (Lusterman, 2005). É assim fundamental trabalhar com terapeutas para poderem ser não estigmatizantes acerca da infidelidade (e.g., Perel, 2019).

Através de uma perspetiva sistémica, os fatores individuais, relacionais e intergeracionais relacionados com a prática da infidelidade devem ser avaliados. Os pontos mais importantes são a gestão e avaliação da crise, considerações sistémicas, facilitar o processo de perdão por parte do parceiro traído, bem como preservar a autoestima e valorização pessoal, promover a intimidade na relação, bem como a comunicação. De particular importância é o desenvolvimento de fatores unificadores que facilitem a cura, unam os casais e reduzam a propensão a futuras traições (Bravo & Lumpkin, 2010; Fife et al., 2008).

O funcionamento sexual feminino é afetado por uma série de fatores que incluem bem-estar psicológico, motivação e fatores da relação. Um estudo realizado por Burri e colaboradores (2014) identificou que a incapacidade de ter um senso de self coeso na intimidade com os outros foi preditor de problemas do foro sexual, bem como níveis altos de stress na relação. Neste sentido, é importante avaliar a diferenciação do self dos pacientes e perceber se é necessário um trabalho de potenciação da diferenciação.

Através de uma lente sistémica, as estratégias narrativas são fundamentais para a intervenção terapêutica centrada na diferenciação do *self*, na medida em que ajudam a alterar modelos e padrões de funcionamento, através de um processo de ressignificações construídas em conjunto. Desta forma, triggers relevantes podem ser descobertos nos scripts sexuais do casal que irão facilitar a autoexpressão, favorecendo as dimensões do casal. De um ponto de vista mais sexual, as estratégias que deverão ter um foco principal, para além da análise dos scripts sexuais do casal, são também a exploração diádica do significado de diferenciação do self para o casal, desconstrução de mitos e estereótipos relativos ao sexo, como por exemplo, relacionados ao desejo e espontaneidade e promover estratégias de manutenção do desejo (Ferreira & Narciso, 2021).

À luz dos resultados obtidos nesta investigação, em situações que se identifique consequências negativas ao nível do funcionamento sexual feminino, que estejam associadas a eventos negativos passados, um dos focos de intervenção poderá passar por potencializar

estratégias de coping diádico positivas, principalmente estratégias focadas nas emoções, tanto pelo próprio, como conjuntas e minimizar estratégias de coping negativas.

Referências

- Abrahamson, I., Hussain, R., Khan, A., Schofield, M. J. (2012). What Helps Couples Rebuild Their Relationship After Infidelity? *Journal of Family Issues*, 33(11), 1494–1519. <https://doi.org/10.1177/0192513X11424257>
- Allen, E. S., Atkins, D. C., Baucom, D. H., Snyder, D. K., Gordon, K. C., & Glass, S. P. (2005). Intrapersonal, interpersonal, and social support in the context of marital distress. *Journal of Family Psychology*, 19(1), 1–11. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.19.1.1>
- D. R. (1998). O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de psicologia*, 3, 273-294. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X1998000200006>
- Basson, R. (2000). The female sexual response: A different model. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 26(1), 51-65. <https://doi.org/10.1080/009262300278641>
- Basson, R. (2001). Human sex-response cycles. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 33–43. <https://doi.org/10.1080/00926230152035831>
- Biddle, A. K., West, S. L., D'Aloisio, A. A., Wheeler, S. B., Borisov, N. N., & Thorp, J. (2009). Hypoactive sexual desire disorder in postmenopausal women: quality of life and health burden. *Value in Health*, 12(5), 763-772. <https://doi.org/10.1111/j.1524-4733.2008.00483.x>
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in committed relationships ii: A substantive review. *Journal of marital and family therapy*, 31(2), 217-233. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x>
- Bodenmann, G. (2005). Dyadic coping and its significance for marital functioning. In T. Revenson, K. Kayser, & G. Bodenmann (Eds.), *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping* (pp. 33-49). American Psychological Association.
- Bodenmann, G., & Cina, A. (2006). Stress and coping among stable-satisfied, stable-distressed and separated/divorced Swiss couples: A 5-year prospective longitudinal study. *Journal of Divorce & Remarriage*, 44(1-2), 71-89.
- Bodenmann, G. (2008). Dyadic coping and the significance of this concept for prevention and therapy. *Zeitschrift für Gesundheitspsychologie*, 16(3), 108–111. <https://doi.org/10.1026/0943-8149.16.3.108>

- Bodenmann, G., Meuwly, N., & Kayser, K. (2011). Two conceptualizations of dyadic coping and their potential for predicting relationship quality and individual well-being. *European Psychologist*.
- Bohlander, J. R. (1995). Differentiation of self: An examination of the concept. *Issues in Mental Health Nursing, 16*(2), 165-184. <https://doi.org/10.3109/01612849509006932>
- Bonanno, G. A. (2004). Loss, trauma, and human resilience: Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American Psychologist, 59*(1), 20–28. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.59.1.20>
- Borst, J. B. (2015). *A systematic review of the effects of family conflict: Focusing on divorce, infidelity, and attachment style*. Retrieved from Sophia, the St. Catherine University repository website: https://sophia.stkate.edu/msw_papers/426
- Bravo, I. M., & White Lumpkin, P. (2010). The complex case of marital infidelity: An explanatory model of contributory processes to facilitate psychotherapy. *The American Journal of Family Therapy, 38*(5), 421-432.
- Burri, A., Schweitzer, R., & O'Brien, J. (2014). Correlates of female sexual functioning: Adult attachment and differentiation of self. *The journal of sexual medicine, 11*(9), 2188-2195. <https://doi.org/10.1111/jsm.12561>
- Cann, A., Mangum, J. L., & Wells, M. (2001). Distress in response to relationship infidelity: The roles of gender and attitudes about relationships. *Journal of Sex Research, 38*(3), 185-190. <https://doi.org/10.1080/00224490109552087>
- Carvalho, A. A., & Leal, I. (2008). Os determinantes da satisfação sexual feminina: um estudo português. *Revista Internacional de Andrologia, 6*(1), 3-7. [https://doi.org/10.1016/S1698-031X\(08\)72559-7](https://doi.org/10.1016/S1698-031X(08)72559-7)
- Carvalho, A. A., & Gomes, F. A. (2011). A disfunção sexual na mulher. *Manual de ginecologia*. Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Obstetrícia.
- Clayton, A. H., & Juarez, E. M. V. (2019). Female sexual dysfunction. *Medical Clinics, 103*(4), 681-698. <https://doi.org/10.1016/j.mcna.2019.02.008>
- Costa, E. S., & Leal, I. P. (2006). Estratégias de coping em estudantes do Ensino Superior. *Análise Psicológica, 24*(2), 189-199. <https://doi.org/10.14417/ap.163>
- Cyranowski, J. M., & Andersen, B. L. (1998). Schemas, sexuality, and romantic attachment.

Journal of Personality and Social Psychology, 74, 1364–1379.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.5.1364>

- DeWall, C. N., Lambert, N. M., Slotter, E. B., Pond Jr, R. S., Deckman, T., Finkel, E. J., ... & Fincham, F. D. (2011). So far away from one's partner, yet so close to romantic alternatives: avoidant attachment, interest in alternatives, and infidelity. *Journal of personality and social psychology*, 101(6), 1302.
- Edlund, J. E., Heider, J. D., Scherer, C. R., Farc, M. M., & Sagarin, B. J. (2006). Sex differences in jealousy in response to actual infidelity. *Evolutionary psychology*, 4(1).
- Fife, S. T.; Weeks, G. R.; Gambescia, N. (2008). Treating Infidelity: An Integrative Approach. *The Family Journal*, 16(4), 316–323. <https://doi.org/10.1177/1066480708323205>
- Ferreira, L. C., Narciso, I., Novo, R. F., & Pereira, C. R. (2016). Partners' similarity in differentiation of self is associated with higher sexual desire: A quantitative dyadic study. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 42(7), 635-647. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2015.1113584>
- Falconier, M. K., Jackson, J. B., Hilpert, P., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping and relationship satisfaction: A meta-analysis. *Clinical psychology review*, 42, 28-46.
- Fincham, F. D., & May, R. W. (2017). Infidelity in romantic relationships. *Current opinion in psychology*, 13, 70-74. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2016.03.008>
- Francom, S. K. (2021). *Parental Infidelity: The Relationship between Age of Discovery, Adult Attachment Style, Relationship with Parents, and Future Parenting* (Doctoral dissertation, Northcentral University).
- Lambert, J. E., Hasbun, A., Engh, R., & Holzer, J. (2015). Veteran PTSS and spouse relationship quality: The importance of dyadic coping. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 7(5), 493.
- Landis, M., Peter-Wight, M., Martin, M., & Bodenmann, G. (2013). Dyadic coping and marital satisfaction of older spouses in long-term marriage. *GeroPsych: The Journal of Gerontopsychology and Geriatric Psychiatry*, 26(1), 39. <https://doi.org/10.1024/1662-9647/a000077>

- Landolt, S. A., Weitkamp, K., Roth, M., Sisson, N. M., & Bodenmann, G. (2023). Dyadic coping and mental health in couples: A systematic review. *Clinical Psychology Review*, 102344.
- Lazarus, R.S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. Springer.
- Giles, K. R., & McCabe, M. P. (2009). Conceptualizing women's sexual function: Linear vs. circular models of sexual response. *The journal of sexual medicine*, 6(10), 2761-2771. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2009.01425.x>
- Grunt-Mejer, K., & Łyś, A. (2022). They must be sick: Consensual nonmonogamy through the eyes of psychotherapists. *Sexual and Relationship Therapy*, 37(1), 58–81. <https://doi.org/10.1080/14681994.2019.1670787>
- Gouveia-Pereira, M., & Miranda, M. P. (2021). Manual de Terapia Familiar: Teoria, avaliação e intervenção sistémica. Pactor.
- Guitar, A. E., Geher, G., Kruger, D. J., Garcia, J. R., Fisher, M. L., & Fitzgerald, C. J. (2017). Defining and distinguishing sexual and emotional infidelity. *Current Psychology*, 36, 434-446. <https://doi.org/10.1007/s12144-016-9432-4>
- Hare, A. L., Miga, E. M., & Allen, J. P. (2009). Intergenerational transmission of aggression in romantic relationships: The moderating role of attachment security. *Journal of Family Psychology*, 23(6), 808–818. <https://doi.org/10.1037/a0016740>
- Haseli, A., Shariati, M., Nazari, A. M., Keramat, A., & Emamian, M. H. (2019). Infidelity and its associated factors: A systematic review. *The journal of sexual medicine*, 16(8), 1155-1169. <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2019.04.011>
- Hayes, R. D., Bennett, C. M., Fairley, C. K., & Dennerstein, L. (2006). What can prevalence studies tell us about female sexual difficulty and dysfunction?. *The journal of sexual medicine*, 3(4), 589-595. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2006.00241.x>
- Hnatkovičová, D., Kallová, N., & Hargašová, L. (2022). The other side of the coin: A narrative inquiry into the positive consequences of infidelity among young adults. *Human Affairs*, 32(2), 282-295. <https://doi.org/10.1515/humaff-2022-0021>
- Jankowski, P. J., Sandage, S. J., & Hill, P. C. (2013). Differentiation-based models of forgivingness, mental health and social justice commitment: Mediator effects for

- differentiation of self and humility. *The Journal of Positive Psychology*, 8(5), 412-424. <https://doi.org/10.1080/17439760.2013.820337>
- Jenkins, S. M., Buboltz, W. C., Schwartz, J. P., & Johnson, P. (2005). Differentiation of self and psychosocial development. *Contemporary Family Therapy*, 27(2), 251- 261. <https://doi.org/10.1007/s10591-005-4042-6>
- Kaplan, H. S. (1979). Hypoactive sexual desire. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 3, 3–9. <https://doi.org/10.1080/00926237708405343>
- Kato, T. (2021). Gender differences in response to infidelity types and rival attractiveness. *Sexual and Relationship Therapy*, 36(4), 368-384. <https://doi.org/10.1080/14681994.2019.1639657>
- Kawar, C., Coppola, J., & Gangamma, R. (2019). A contextual perspective on associations between reported parental infidelity and relational ethics of the adult children. *Journal of marital and family therapy*, 45(2), 354-363.
- Kerr, M. E. (1988). Chronic anxiety and defining a self. *The Atlantic Monthly*, 9(9), 35- 58.
- Khojaste Mehr, R., Bahmaei, A., Sodani, M., & Abbaspour, Z. (2020). The explanation of divorce formation process: A qualitative research. *Psychological Achievements*, 27(1), 23-46. <https://doi.org/10.22055/psy.2020.32329.2488>
- Knapp, J. J. (1975). Some non-monogamous marriage styles and related attitudes and practices of marriage counselors. *The Family Coordinator*, 24(4), 505–514. <https://doi.org/10.2307/583034>
- Kingsberg, S. A., Clayton, A. H., & Pfaus, J. G. (2015). The female sexual response: current models, neurobiological underpinnings and agents currently approved or under investigation for the treatment of hypoactive sexual desire disorder. *CNS drugs*, 29, 915-933. <https://doi.org/10.1007/s40263-015-0288-1>
- Knight, E. A. (2010). Gender differences in defining infidelity. [Master thesis].
- L. Platt, R. A., Nalbone, D. P., Casanova, G. M., & Wetchler, J. L. (2008). Parental conflict and infidelity as predictors of adult children's attachment style and infidelity. *The American Journal of Family Therapy*, 36(2), 149-161. <https://doi.org/10.1080/01926180701236258>

- Labrecque, L. T., & Whisman, M. A. (2017). Attitudes toward and prevalence of extramarital sex and descriptions of extramarital partners in the 21st century. *Journal of Family Psychology, 31*(7), 952. <https://doi.org/10.1037/fam0000280>
- Lalasz, C. B., & Weigel, D. J. (2011). Understanding the relationship between gender and extradyadic relations: The mediating role of sensation seeking on intentions to engage in sexual infidelity. *Personality and individual differences, 50*(7), 1079-1083.
- Lobitz, W. C., & Lobitz, G. K. (1996). Resolving the sexual intimacy paradox: A developmental model for the treatment of sexual desire disorders. *Journal of Sex & Marital Therapy, 22*(2), 71-84. <https://doi.org/10.1080/00926239608404911>
- Lusterman, D. D. (2005). Helping children and adults cope with parental infidelity. *Journal of clinical psychology, 61*(11), 1439-1451. <https://doi.org/10.1002/jclp.20193>
- Macleod, A., & McCabe, M. P. (2020). Defining sexuality in later life: A systematic review. *Australasian journal on ageing, 39*, 6-15. <https://doi.org/10.1111/ajag.12741>
- Major, S., Rodríguez González, M., Miranda, C., Rousselot, M., & Relvas, A. (2014). Inventário de diferenciação do Self-Revisto (IDS-R). *Avaliação Familiar: funcionamento e intervenção, 1*, 71-96.
- Masters, W., & Johnson, V. (1966). *Human sexual response*. Little, Brown.
- Mattingly, B. A., Clark, E. M., Weidler, D. J., Bullock, M., Hackathorn, J., & Blankmeyer, K. (2011). Sociosexual orientation, commitment, and infidelity: A mediation analysis. *The Journal of social psychology, 151*(3), 222-226.
- Miller, R. B., Anderson, S., & Keala, D. K. (2004). Is Bowen theory valid? A review of basic research. *Journal of marital and family therapy, 30*(4), 453-466.
- Murdock, N. L., & Gore, P. A. (2004). Stress, coping, and differentiation of self: A test of Bowen theory. *Contemporary Family Therapy, 26*, 319-335. <https://doi.org/10.1023/B:COFT.0000037918.53929.18>
- Negash, S., & Morgan, M. L. (2016). A family affair: Examining the impact of parental infidelity on children using a structural family therapy framework. *Contemporary Family Therapy, 38*, 198-209. <https://doi.org/10.1007/s10591-015-9364-4>

- Nobre, P. J., & Pinto-Gouveia, J. (2006). Dysfunctional sexual beliefs as vulnerability factors for sexual dysfunction. *Journal of sex research*, 43(1), 68-75.
- Pechorro, P., Pascoal, P. M., Monteiro Pereira, N., Poiares, C., Neves Jesus, S., & Vieira, R. X. (2017). Validação da versão portuguesa do Índice de Funcionamento Sexual Feminino – 6. *Revista Internacional de Andrologia*, 15(1), 8–14.
<https://doi.org/10.1016/j.androl.2016.06.001>
- Peleg, O., Yaniv, I., Katz, R., & Tzischinsky, O. (2018). Does trait anxiety mediate the relationship between family patterns and quality of life?. *The American Journal of Family Therapy*, 46(4), 341-355.
- Perlman, M. M. (2010). The effect of parental infidelity on an adult child's sexual attitudes [Unpublished thesis]. Purdue University, West Lafayette, IN.
- Perel, E. (2019). I(n)Fidelidade - Repensar o amor e as relações (P. Tavares & S. M. Felício, Trans.). Bertrand Editora. (Original work published 2017)
- Previti, D., & Amato, P. R. (2004). Is infidelity a cause or a consequence of poor marital quality?. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21(2), 217-230.
<https://doi.org/10.1177/0265407504041384>
- Rao, T. S., & Nagaraj, A. K. M. (2015). Female sexuality. *Indian journal of psychiatry*, 57(Suppl 2), S296. <https://doi.org/10.4103/0019-5545.161496>
- Rodríguez-González, M., Schweer-Collins, M., Skowron, E. A., Jódar, R., Cagigal, V., & Major, S. O. (2019). Stressful life events and physical and psychological health: Mediating effects of differentiation of self in a Spanish sample. *Journal of Marital and Family Therapy*, 45(4), 578-591.
- Rusu, P. P., Hilpert, P., Beach, S. R., Turliuc, M. N., & Bodenmann, G. (2015). Dyadic coping mediates the association of sanctification with marital satisfaction and well-being. *Journal of Family Psychology*, 29(6), 843.
- Rowland, D., & Gutierrez, B. R. (2017). Phases of the sexual response cycle. Psychology Faculty Publications. 62. https://scholar.valpo.edu/psych_fac_pub/62
- Scheeren, P., Apellániz, I. D., & Wagner, A. (2018). Marital infidelity: The experience of men and women. *Trends in Psychology*, 26, 355-369.
- Shackelford, T. K., LeBlanc, G. J., & Drass, E. (2000). Emotional reactions to infidelity. *Cognition & Emotion*, 14(5), 643-659.

- Shi, G., Shi, T., Liu, Y., & Cai, Y. (2021). Relationships between dyadic coping, intimate relationship and post-traumatic growth in patients with breast cancer: A cross-sectional study. *Journal of advanced nursing*, 77(12), 4733-4742.
- Skowron, E. A. (2000). The role of differentiation of self in marital adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 47(2), 229–237. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.47.2.229>
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of marital and family therapy*, 29(2), 209-222. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2003.tb01201.x>
- Snyder, C. R., Ilardi, S. S., Cheavens, J., Michael, S. T., Yamhure, L., & Simpson, S. (2000). The role of hope in cognitive- behavior therapies. *Cognitive Therapy and Research*, 24(6), 747–762. <https://doi.org/10.1023/A:1005547730153>
- Staff, H. R., Didymus, F. F., & Backhouse, S. H. (2017). The antecedents and outcomes of dyadic coping in close personal relationships: A systematic review and narrative synthesis. *Anxiety, Stress, & Coping*, 30(5), 498-520. <https://doi.org/10.1080/10615806.2017.1329931>
- Sternberg, R. J. (1995). Love as a story. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12, 541-546.
- Thompson, A. E., & O’Sullivan, L. F. (2016). Drawing the line: The development of a comprehensive assessment of infidelity judgments. *The Journal of Sex Research*, 53(8), 910-926. <https://doi.org/10.1080/00224499.2015.1062840>
- Thorson, Allison R. (2014). Feeling Caught: Adult Children's Experiences with Parental Infidelity. *Qualitative Research Reports in Communication*, 15(1), 75–83. <https://doi.org/10.1080/17459435.2014.955595>
- Tiefer, L. (1991). Historical, scientific, clinical and feminist criticisms of “the human sexual response cycle” model. *Annual review of sex research*, 2(1), 1-23. <https://doi.org/10.1080/10532528.1991.10559865>
- Vedes, A., Nussbeck, F. W., Bodenmann, G., Lind, W., & Ferreira, A. (2013). Psychometric properties and validity of the Dyadic Coping Inventory in Portuguese. *Swiss Journal of Psychology*.

- Vowels, L. M., Vowels, M. J., & Mark, K. P. (2022). Is infidelity predictable? Using explainable machine learning to identify the most important predictors of infidelity. *The Journal of Sex Research*, 59(2), 224-237. <https://doi.org/10.1080/00224499.2021.1967846>
- Warach, B., & Josephs, L. (2021). The aftershocks of infidelity: a review of infidelity-based attachment trauma. *Sexual and Relationship Therapy*, 36(1), 68-90. <https://doi.org/10.1080/14681994.2019.1577961>
- Wawrziczny, E., Nandrino, J. L., Constant, E., & Doba, K. (2021). Characterizing the determinants of sexual dissatisfaction among heterosexuals: The specific role of dyadic coping. *Scandinavian Journal of Psychology*, 62(5), 763-773.
- Weiser, D. A., & Weigel, D. J. (2017). Exploring intergenerational patterns of infidelity. *Personal Relationships*, 24(4), 933-952. <https://doi.org/10.1111/per.12222>
- Weiser, D. A., Weigel, D. J., Lalasz, C. B., & Evans, W. P. (2017). Family background and propensity to engage in infidelity. *Journal of Family Issues*, 38(15), 2083-2101.
- Whisman, M. A., Gordon, K. C., & Chatav, Y. (2007). Predicting sexual infidelity in a population-based sample of married individuals. *Journal of family psychology*, 21(2), 320.
- Woodard, T. L., & Diamond, M. P. (2009). Physiologic measures of sexual function in women: a review. *Fertility and sterility*, 92(1), 19-34.
- World Health Organization. (2006). *Defining Sexual Health: Report of a Technical Consultation on Sexual Health*, 28-31 January 2002. Geneva, Switzerland: World Health Organization.
- Yoshimura, C. G., Galvin, K. M., Braithwaite, D. O., Suter, E. A., & Floyd, K. (2018). *Engaging theories in family communication: Multiple perspectives*.
- Yurkiw, J., & Johnson, M. D. (2021). Perceived stress, supportive dyadic coping, and sexual communication in couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(5), 1729-1737.

Anexos

Anexo 1 – Parecer da Comissão de Ética do ISPA



Comissão de Ética de Investigação
ISPA - Instituto Universitário de Ciências
Psicológicas, Sociais e da Vida
Rua Jardim do Tabaco, 34,
1149-041 Lisboa
Telefone: (351) 218 811 700
Fax: (351) 218 860 954

COMISSÃO DE ÉTICA

PARECER

Título do projeto: Transmissão geracional e funcionamento sexual feminino

Investigador responsável: Mariana Miranda

Instituição/Curso: ISPA – Instituto Universitário

O protocolo do estudo apresenta objetivos relevantes. Foram descritos adequadamente os métodos e procedimentos a adotar e estes respeitam os direitos humanos e as recomendações constantes nos documentos nacionais e internacionais relativos à ética em investigação.

Assim, o parecer da Comissão de Ética do ISPA-Instituto Universitário é favorável à realização do estudo em epígrafe.

Qualquer alteração futura aos procedimentos descritos do estudo que possam colidir com os critérios éticos de investigação com seres humanos ou animais não humanos constantes nos referidos regulamentos, exigem uma reapresentação do pedido de apreciação a esta Comissão.

Comissão Ética do ISPA – Instituto Universitário

(Assinatura P^{lo} Presidente da CE)

Lisboa, 31 de maio de 2023.

Anexo 2 – Materiais de Divulgação do Presente Estudo

FAMÍLIA E SEXUALIDADE FEMININA

Se é mulher e tem 18 ou mais anos
precisamos da sua ajuda.

O seu contributo é importante para
compreender melhor como o
funcionamento familiar está
associado ao funcionamento sexual
feminino.

 Questionário
online

 15 Min



RELAÇÕES E SEXUALIDADE FEMININA

Se é mulher e tem 18 ou mais anos
precisamos da sua ajuda!

O seu contributo é importante para
compreender melhor como o
funcionamento familiar está
associado ao funcionamento sexual
feminino.

 Questionário
online

 15 Min



Anexo 3 – Consentimento Informado

Muito obrigada por considerar responder a este inquérito, que tem como objetivo estudar de que forma é que determinados processos são transmitidos transgeracionalmente entre mães e filhas, e de que forma é que essa transmissão se relaciona com o funcionamento sexual feminino.

O estudo está a ser promovido pelo ISPA – Instituto Superior, no âmbito de uma dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, pela Inês Alfaro, Mariana Maurício e Rita Cunha, sob a orientação da Prof. Doutora Mariana Pires de Miranda.

Todas as respostas são anónimas. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins de investigação, mantendo assim a sua privacidade.

A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento independentemente do motivo. Após começar o estudo – e porque garantimos o anonimato dos participantes – não existe a possibilidade de proceder à eliminação das suas respostas.

A resposta ao questionário não lhe trará nenhum risco e estima-se que demore até 20 minutos.

Se tiver alguma dúvida ou sugestão, poderá entrar em contato com Mariana Pires de Miranda (mmiranda@ispa.pt).

- Estou consciente de que a minha participação é voluntária e que posso interromper em qualquer momento, independentemente do motivo.

Anexo 4 – Questionário Sociodemográfico

Por favor, comece por responder a algumas questões sobre si:

Género com que se identifica:

- Masculino
- Feminino
- Não Binário
- Outro. Qual? _____

Idade (em anos): _____

País de nascimento:

- Portugal
- Outro. Qual? _____

Escolaridade:

- Sem escolaridade
- 1º Ciclo do Ensino Básico (4º ano)
- 2º Ciclo do Ensino Básico (6º ano)
- 3º Ciclo do Ensino Básico (9º ano)
- Ensino Secundário (12º ano) ou Ensino Profissional (nível IV)
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento

Situação relacional:

- Solteiro
- Numa relação sem coabitação
- Numa relação com coabitação
- Casado
- Divorciado
- Viúvo

De seguida vamos fazer-lhe algumas questões sobre a sua história familiar. Por favor, responda o mais honestamente possível:

A infidelidade, definida como uma violação de regras e limites previamente estabelecidos numa relação amorosa, é cada vez mais um tema de interesse dada a sua frequência, complexidade e impacto causado não só para os envolvidos, como também para os mais próximos. Tem conhecimento da ocorrência de algum tipo de infidelidade:

	Sim	Não
Numa relação que eu tive	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Com os meus pais (ou só com um deles)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo 5 – Instrumento de Avaliação da Diferenciação do *Self*

Ao analisar a literatura sobre a Diferenciação do *Self*, deparámo-nos com a existência de vários instrumentos para a avaliar, nomeadamente, o Inventário da Diferenciação do Self Revisto (DSI-R), a Escala da Diferenciação do Self Revisto (DSS-R), e o Inventário de Diferenciação do Self (DSI-F).

Publicado por Skowron e Schmitt (2003), o Inventário de Diferenciação do Self Revisto (DSI-R) é um questionário que pretende avaliar a Diferenciação do Self em adultos, constituído por 46 itens de autorresposta, divididos em 4 subescalas: Reatividade Emocional (11 itens), Posição do Eu (11 itens), Cut-off Emocional (12 itens) e Fusão com os Outros (12 itens). Os itens são avaliados através de uma escala tipo Likert de seis pontos em que “1” corresponde a “Nada verdadeiro” e “6” corresponde a “Muito verdadeiro”. Para obter a pontuação total, bem como a das subescalas, vários itens têm de ser invertidos. A pontuação obtém-se através da soma e divisão dos itens de cada subescala. Quanto mais elevado o resultado de cada subescala, bem como da escala total, maior será o nível de Diferenciação do Self. Posteriormente, este questionário foi validado para a população portuguesa por Major e colaboradores (2014), tendo os estudos de evidência de precisão e validade, apesar de não replicarem a estrutura fatorial original da escala, demonstrarem ser uma ferramenta útil.

Mais recentemente, foi criada por Oliver e colaboradores (2022), a Escala de Diferenciação do Self Revisto (DSS-R). Diferencia-se por ser mais curta, constituída por 25 itens, mantendo-se o formato de resposta. Os itens são, também, avaliados através de uma escala tipo Likert em que o “1” corresponde a “Discordo totalmente” e o “6” corresponde a “Concordo totalmente”. Diferencia-se também por ter uma subescala adicional, ou seja, a escala total é composta por: Posição do Eu, Reatividade Emocional, Fusão com o Outro, Cut-off Emocional e Dominância sobre os Outros.

Finalmente, o Inventário de Diferenciação do Self (DSI-F) foi criado por David Sloan e Dirk van Dierendock (2016), sendo uma versão abreviada do DSI-R de Skowron e Schmidt (2004). É, também, um questionário de autorresposta constituído por 20 itens avaliados por uma escala tipo Likert de 6 pontos em que “1” corresponde a “Nunca” e “6” corresponde a “Muitas vezes”. Encontra-se, tal como a escala original, dividida em 4 subescalas: Reatividade Emocional (5 itens), Posição do Eu (5 itens), Cut-off Emocional (5 itens) e Fusão com os Outros (5 itens). Os resultados das análises fatoriais confirmatórias que tiveram como objetivo

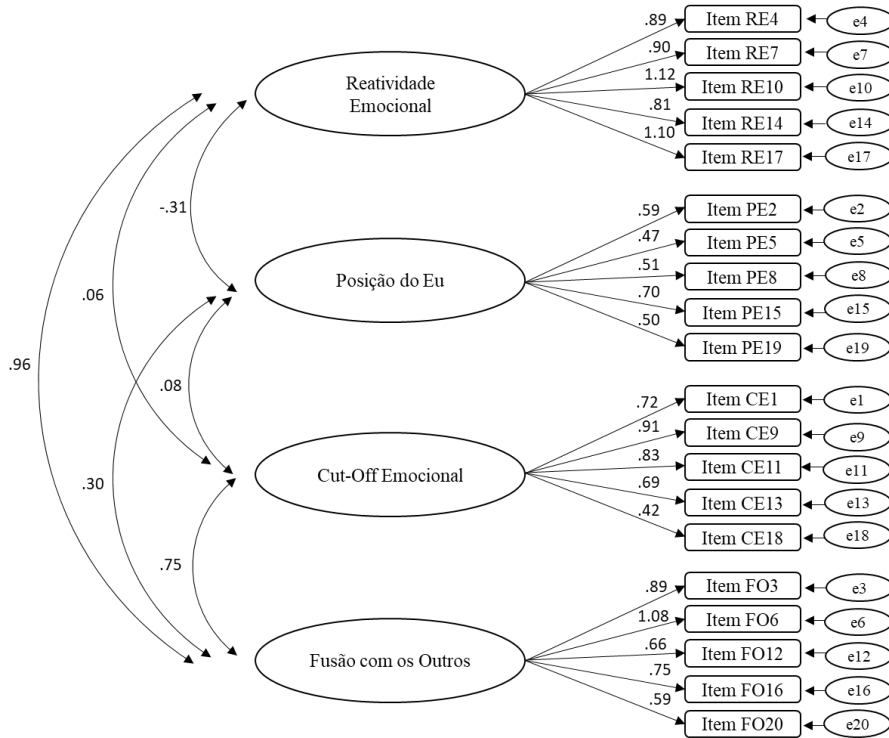
comparar o ajuste do modelo entre a presente escala e as anteriores medidas de Diferenciação do Self, indicaram que o DSI-F teve o ajuste de modelo mais forte, consistência interna e correlações semelhantes com as outras escalas (Sloan & van Dierendonck, 2016).

Optou-se pela utilização do Inventário de Diferenciação do Self (DSI-F), sendo esta uma escala bem avaliada psicometricamente e uma alternativa mais fiável ao DSI-R. É também uma escala mais curta, sendo o nosso protocolo bastante extenso, pareceu-nos a opção mais viável, apesar de não se encontrar ainda validada para a população portuguesa. Realizámos a tradução e retroversão, com posteriores análises de medida, descritas nos Instrumentos.

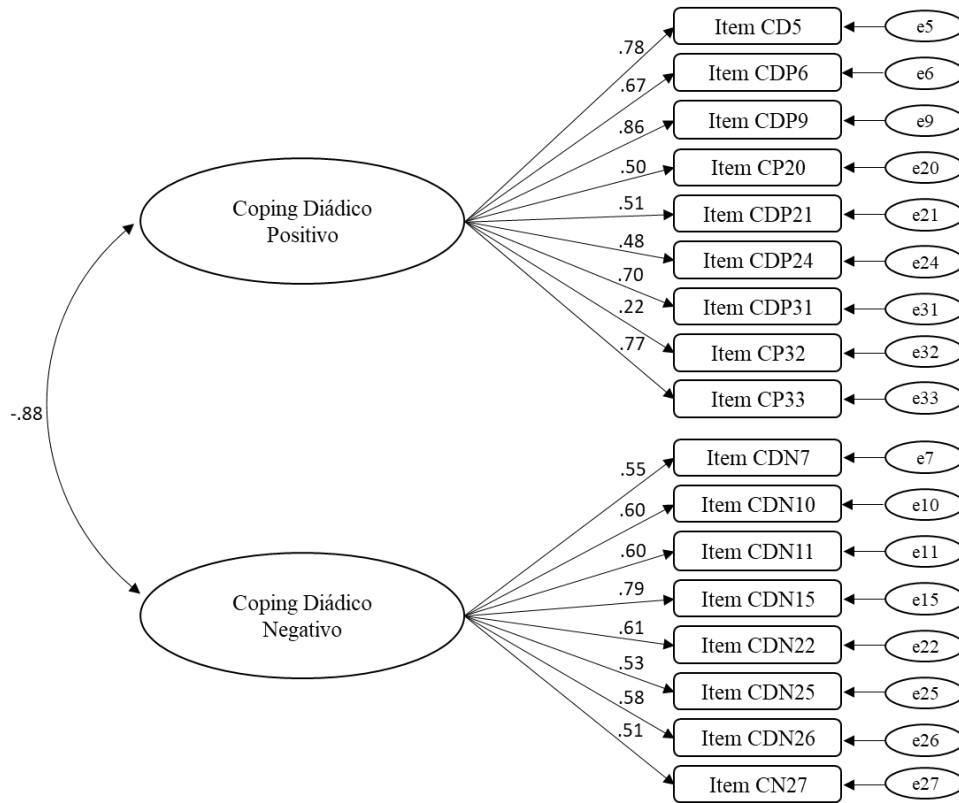
Referências

- Major, S., Miranda, C., Rodríguez-González, M., & Relvas, A. P. (2014). Adaptação portuguesa do Differentiation of Self Inventory Revised (DSI-R): Um estudo exploratório. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación e Avaliação Psicológica*, 1(37), 99-123.
- Oliver, J., Jódar, R., Berástegui, A., Skowron, E. A., Friedlander, M. L., & Schitt, T. A. (2022). Psychometric study of the differentiation of self scale-revised in a sample of Spanish adults. *Current Psychology*, 1-14. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-02929-y>
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). *Differentiation of Self Inventory—Revised (DSI—R)*. *Journal of Marital and Family Therapy*. <https://doi.org/10.1037/t46408-000>
- Sloan, D., & van Dierendonck, D. (2016). *Differentiation of Self Inventory—Revised; Brief Version (DSI-R, DSI-SF, DSI)* [Database record]. APA PsycTests. <https://doi.org/10.1037/t52796-000>

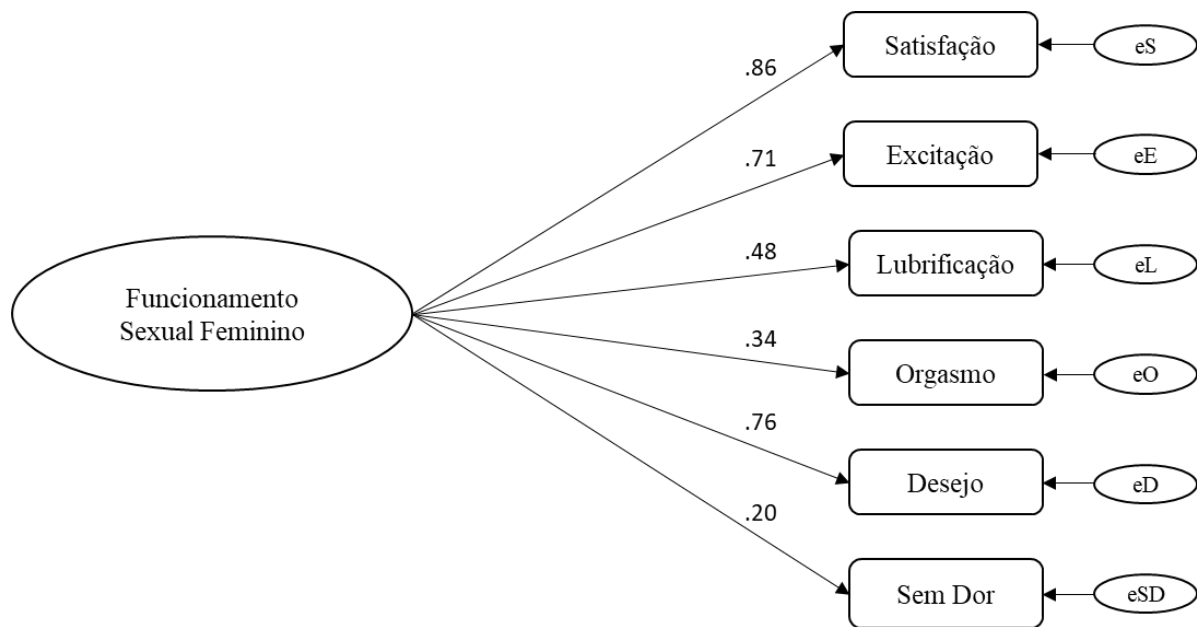
Anexo 6 - Modelo de 4 fatores do DSI-F



Anexo 7 - Modelo de dois fatores do ICD



Anexo 8 - Modelo de seis fatores do FSFI-6



Anexo 12 – Revisão de Literatura Alargada

Diferenciação do Self

O conceito de diferenciação do *self* é um aspeto fundamental da Teoria dos Sistemas Familiares criada por Murray Bowen (1978). Esta teoria diferenciou-se das teorias existentes sobre o funcionamento humano, ao considerar a família como uma unidade emocional e, o indivíduo, como uma unidade pertencente, ou seja, dando importância à relação (Kerr, 1988). A família é então importante na medida em que cria um sentimento de pertença e segurança no sujeito ao mesmo tempo que cria condições para que o processo de individuação ocorra.

Pode-se definir a diferenciação como a capacidade, emocional e cognitiva, que um sujeito tem para gerir a tensão entre duas forças, a união e a autonomia em relações, relações estas que podem ser familiares ou conjugais (Bowen, 1978; Rodríguez-González et. al, 2019). A hipótese proposta por Bowen seria a de que, indivíduos com níveis mais altos de diferenciação do *self*, seriam mais capazes a nível de gestão de stress e autorregulação emocional.

De uma perspectiva sistémica, níveis mais baixos de diferenciação do *self* têm consequências não só para a dimensão pessoal, mas também familiar e do casal (Bowen, 1978)

A diferenciação do *self* consiste em duas dimensões distintas: intrapessoal, em que o sujeito deverá ser capaz de utilizar a lógica, distinguir sentimentos de pensamentos e autorregular-se (reatividade emocional e posição do eu) e interpessoal em que, perante a intimidade com o outro, o indivíduo preserva a sua autonomia (cut-off emocional e fusão com o outro) (Bowen, 1978). Cada um dos fatores da diferenciação do *self* será descrita.

A reatividade emocional consiste na tendência para responder a estímulos ambientais através de respostas emocionais automáticas. Quando estas são negativas, afetam negativamente a interação com o outro ao, por exemplo, reagir de forma exagerada, agressiva, e tendo dificuldade em manter a calma em situações de stress, tornando a relação disfuncional. Um indivíduo com um nível elevado de diferenciação do *self* será capaz de refletir sobre as suas próprias ações e emoções, reagindo de forma ponderada (Major et. al, 2014; Rodríguez-González et. al, 2019).

A posição do eu, constitui um sentido de *self* definido e coeso, tendo os indivíduos bem diferenciados as suas próprias crenças e convicções elaboradas de forma pensada e ponderada. Pessoas com baixos níveis de diferenciação, ao serem mais dependentes do ponto de vista

emocional, demonstram mais dificuldade em agir por vontade própria e susterm o seu ponto de vista e opinião pessoal (Major et. al, 2014; Skowron & Schmidtt, 2003)

O cut-off emocional relaciona-se com os limites emocionais e comportamentais em relação ao outro, bem como medo de intimidade e de vulnerabilidade em relações. Em relações pessoais, indivíduos com baixos níveis de diferenciação do self tendem a afastar-se, isolando-se dos outros e das suas próprias emoções, enquanto um indivíduo bem diferenciado tem a capacidade de gerir a intensidade emocional de uma forma não defensiva (Major et. al, 2014; Rodríguez-González et. al, 2019).

A fusão com o outro está ligada com o envolvimento e dependência do outro para confirmar decisões, convicções e crenças, bem como a tomada de decisão. Indivíduos demasiado fusionais dependem demasiado do outro para tomar decisões e formular as suas próprias crenças, estando demasiado fundido com o outro, procuram constantemente procura de aprovação do outro (Skowron & Schmidtt, 2003).

Rodríguez-González (2017) numa recente revisão de literatura evidenciou que níveis mais altos de diferenciação do self estão associados a níveis mais baixos de sofrimento psicológico e que o fator que têm um maior efeito, é a reatividade emocional.

Quanto maior for o stress a que uma pessoa está sujeita, maior a probabilidade de padrões disfuncionais associados a níveis baixos de diferenciação surgirem, padrões estes que aumentam a propensão a estados de ansiedade, depressão e outros estados de sofrimento emocional que consequentemente irão afetar as relações (Rodríguez-González et. al, 2019).

Modelos de Funcionamento Sexual Feminino

Sabemos hoje que a sexualidade é um aspeto central do ser humano que inclui o sexo, a identidade de género, orientação sexual, eroticismo, prazer, intimidade e reprodução e que é expressa através de pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes e práticas (Rao & Nagaraj, 2015).

No que concerne o funcionamento sexual propriamente dito, o primeiro modelo de resposta sexual do ser humano foi proposto por Masters e Johnson (1996), sendo este um modelo linear e sucessivo, composto por quatro estágios, sendo estes a excitação, “plateau”, orgasmo e resolução.

O primeiro estágio relaciona-se com a fisiologia no sentido em que o batimento cardíaco, a respiração e a pressão sanguínea aumentam, bem como a tensão muscular, vasocongestão e o endurecimento dos mamilos e a ereção ocorre. Nas mulheres, inicia-se a lubrificação. Estas respostas intensificam-se na segunda fase – o clitóris torna-se mais sensível

e a entrada vaginal expande-se. As glândulas de Bartholin produzem mais lubrificação dentro e fora da vagina enquanto, nos homens, o fluido pré-seminal das glândulas de Cowper é secretado na abertura peniana. O clímax ocorre na terceira fase, a fase em que o orgasmo pode ou não ocorrer. O orgasmo é aqui definido como um conjunto de contrações musculares rítmicas e involuntárias bem como uma sensação de alívio de tensão e euforia. Nas mulheres ocorre uma contração dos músculos pélvicos seguidos de alívio de tensão e nos homens ocorre a ejaculação. Por fim, na última fase de resolução, os músculos relaxam, a respiração volta ao normal e a pressão sanguínea desce. O fluxo de sangue para as regiões genitais diminui e a ereção desaparece (Masters & Johnson, 1996; Rowland & Gutierrez, 2017).

Em 1979, foi proposto por Kaplan o modelo trifásico. Este modelo consistia apenas no desejo, excitação e orgasmo. Diferenciou-se do modelo anterior apenas ao reconhecer os fatores psicológicos da resposta sexual e ao introduzir o conceito de desejo sexual, desejo este que seria uma condição para o excitamento e que inclui aspectos psicológicos, emocionais e cognitivos (Gutierrez, 2017; Nobre & Pinto-Gouveia, 2006). Porém, este desejo definido por Kaplan, remete para uma série de sensações que motivam o sujeito a iniciar a relação sexual, ou seja, seria uma condição para a fase de excitação.

Estes modelos iniciais foram criticados por se focarem apenas em mudanças fisiológicas, por serem vagos nas suas conceptualizações, por terem uma sequência linear e por serem tendencialmente masculinos. Ou seja, eram adequados ao explicar a experiência sexual masculina, mas não a feminina ao assumir como automático e espontâneo o desejo sexual, não havendo distinção entre o desejo e a excitação. Porém, falharam ao descrever as interações complexas entre aspectos psicológicos, emocionais, contextuais e relacionais.

Basson (2001) propôs um modelo circular para a resposta sexual que teve como foco a resposta sexual feminina, sendo que o desejo feminino não surge, muitas vezes, de uma forma espontânea – o desejo pode tanto preceder a excitação como sucedê-la (Carvalho & Gomes, 2011).

Coping diádico

A forma como os membros de um casal respondem ao stress um do outro resultante de circunstâncias exteriores à relação é comumente referido como coping diádico. Acompanhando esta transição para uma perspectiva interpessoal do stress e coping entre casais, alguns modelos de coping diádico foram propostos (Falconier & Kuhn, 2019).

Os primeiros modelos surgiram nos anos 90, baseando-se na conceptualização de stress formulada por Lazarus e Folkman, sendo eles: modelo focado na relação (DeLongis & O'Brien,

1990), modelo de congruência (Revenson, 1994), modelo sistêmico-transacional (Bodenmann, 1995) e o modelo de coping comum (Lyons et al., 1998).

O modelo focado na relação (DeLongis & O'Brien, 1990), foi o primeiro a considerar que os indivíduos utilizam estratégias de coping focadas na relação para lidar com o stress, para além das individuais, ou seja, avaliaram em que medida um dos parceiros consegue aliviar o stress do outro, face a uma situação stressante, de três formas: participação ativa através de suporte positivo; esforços para esconder preocupações de forma a minimizar possíveis conflitos e superproteção, na medida em que um dos parceiros desvaloriza a capacidade do outro, providenciando suporte desnecessário. Estudos demonstram que este tipo de coping tem um impacto negativo para a relação, sendo a superproteção vista como uma forma de coping diádico negativo (Falconier et al., 2015).

O modelo de congruência afastou-se de estudos anteriores, que se focaram em avaliar as diferenças e semelhanças dos estilos de coping individuais e observar quais as consequências para a relação. Destacou-se ao mudar o foco para a congruência entre estilos de coping, ou seja, em que grau as estratégias de coping dos membros da relação são de apoio mútuo. Revenson (1994), através do termo congruência, assumiu que a coordenação entre estilos de coping parecidos, traz benefícios positivos para a relação. Neste sentido, este modelo de coping difere dos outros ao focar-se apenas na interação entre as estratégias individuais dos parceiros para lidar com o stress individual, em vez das conjuntas (estratégias para lidar com stressores comuns e respostas de um membro da relação ao stress do outro).

Lyons e colaboradores (1998), com o modelo de coping comum, introduziram as primeiras luzes no que concerne o coping na dimensão comum ao casal, ou seja, um problema que ambos têm de enfrentar em conjunto. Este modelo é constituído por três pressupostos: pelo menos um dos membros do casal tem de possuir estratégias de coping de orientação comum, ou seja, considerar este tipo de coping como necessário e positivo; comunicação aberta acerca do stressor e do seu significado e, por último, responder perante o stressor de forma colaborativa, tendo como objetivo reduzir o impacto negativo da situação.

O modelo descrito no presente estudo, é o modelo transacional sistêmico. Bodenmann (1995) descreve o coping diádico como um processo, que pode ser descrito da seguinte forma: um dos parceiros expõe o eu stress ao outro, de forma verbal ou não verbal. Ao apreender o stress do parceiro, interpreta-o e pode reagir de diversas formas – pode ignorar os sinais de stress por falta de motivação ou de competências, pode ocorrer uma situação em que o parceiro

consequentemente, reporta também níveis altos de stress ou então, surgem formas positivas ou negativas de coping diádico.

Existem três tipos de coping diádico positivo: de suporte, comum e delegado. O coping diádico positivo de suporte consiste em demonstrações diretas de apoio por parte do parceiro, tais como atividades de suporte, estratégias de comunicação adequadas, aconselhar de forma prática, eficaz e empática. Por sua vez, no coping diádico positivo comum, sendo que os dois parceiros são afetados, ambos procuram estratégias de resolução de problemas em conjunto e existe partilha de emoções e sentimentos. Por sua vez, no coping diádico positivo delegado, um dos parceiros assume responsabilidades de modo a aliviar o stress do parceiro. O coping diádico pode, ainda, ser focado em emoções ou na resolução de problemas: coping diádico de suporte focado no problema, coping diádico conjunto focado no problema, coping diádico delegado, coping diádico de suporte focado em emoções e coping diádico conjunto focado em emoções (Bodenmann, 2005; Landis et al., 2013)

Existem também três tipos de coping diádico negativo: coping diádico hostil, coping diádico ambivalente e coping diádico superficial. O coping diádico hostil é um tipo de coping agressivo, baseado em críticas, ofensas, hostilidade e desinteresse pelos sentimentos do outro. O coping diádico ambivalente acontece quando há apoio ao parceiro stressado, mas deixando claro que o seu apoio não seria necessário. O coping diádico superficial consiste num tipo de coping que não é verdadeiro, pautado por falta de empatia e desvalorização (Bodenmann, 2005).

Referências

- Basson, R. (2001). Human sex-response cycles. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 27, 33–43. <https://doi.org/10.1080/00926230152035831>
- Carvalho, A. A., & Gomes, F. A. (2011). A disfunção sexual na mulher. *Manual de ginecologia*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ginecologia e Obstetrícia, 119- 34.
- Falconier, M. K., Randall, A. K., & Bodenmann, G. (Eds.). (2016). *Couples coping with stress: A cross-cultural perspective*. Routledge.
- Kerr, M. E. (1988). Chronic anxiety and defining a self. *The Atlantic Monthly*, 9(9), 35- 58.
- Major, S., Rodríguez González, M., Miranda, C., Rousselot, M., & Relvas, A. (2014). Inventário de diferenciação do Self-Revisto (IDS-R). *Avaliação Familiar: funcionamento e intervenção*, 1, 71-96.
- Masters, W., & Johnson, V. (1966). *Human sexual response*. Boston, MA: Little, Brown.

- Nobre, P. J., & Pinto-Gouveia, J. (2006). Dysfunctional sexual beliefs as vulnerability factors for sexual dysfunction. *Journal of sex research*, 43(1), 68-75. <https://doi.org/10.1080/00224490609552300>
- Rao, T. S., & Nagaraj, A. K. M. (2015). Female sexuality. *Indian journal of psychiatry*, 57(Suppl 2), S296. <https://doi.org/10.4103/0019-5545.161496>
- Rodríguez-González, M., Martins, M. V., Bell, C. A., Lafontaine, M. F., & Costa, M. E. (2019). Differentiation of self, psychological distress, and dyadic adjustment: Exploring an integrative model through an actor–partner analysis. *Contemporary Family Therapy*, 41, 293-303. <https://doi.org/10.1007/s10591-019-09493-x>
- Rowland, D., & Gutierrez, B. R. (2017). Phases of the sexual response cycle. Psychology Faculty Publications. 62. https://scholar.valpo.edu/psych_fac_pub/62
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: Reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of marital and family therapy*, 29(2), 209-222. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2003.tb01201.x>

Anexo 10 – Tabelas de Regressão Paralelas

Tabela 1. Efeito de moderação do Fator Reatividade Emocional na relação entre Infidelidade do Próprio e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
Constant	3.615	.0422	85.62	.0000	3.532	3.698
Inf Próprio (X)	.0930	.0859	1.093	.2746	-.0748	.2627
CD-RE (W)	-.1355	.0393	-3.447	.0006	-.2127	-.0582
Interação	-.0428	.0799	-.5364	.5919	-.1998	.1141
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>	
(X*W)	.0006	.2878	1.000	474.0	.5919	

Tabela 2. Efeito de moderação do Fator Posição do Eu na relação entre Infidelidade do Próprio e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
Constant	3.613	.0427	84.72	.0000	3.529	3.697
Inf Próprio (X)	.0729	.0867	.8401	.4013	-.0748	.2433
CD-PE (W)	.0422	.0522	.8093	.4187	-.0603	-.1448
Interação	-.0313	.1060	-.2949	.7682	-.2396	.1771
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>	
(X*W)	.0002	.0870	1.000	474.0	.7682	

Tabela 3. Efeito de moderação do Fator Cut-off Emocional na relação entre Infidelidade do Próprio e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
Constant	3.612	.0404	89.32	.0000	3.532	3.698
Inf Próprio (X)	.1046	.0823	1.271	.2746	-.0748	.2627
CD-CE (W)	-.3242	.0439	-7.386	.0006	-.2127	-.0582
Interação	-.0454	.0882	.5143	.6073	-.1280	.2188
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>	
(X*W)	.0005	.2645	1.000	474.0	.6073	

Tabela 4. Efeito de moderação do Fator Fusão com o Outro na relação entre Infidelidade do Próprio e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
Constant	3.614	.0416	86.84	.0000	3.532	3.695
Inf Próprio (X)	.0821	.0846	.9707	.3322	-.0841	.2484
CD-FO (W)	-.2124	.0433	-4.902	.0000	-.2975	-.1272
Interação	-.0095	.0888	-.1065	.9152	-.1650	.1839
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>	
(X*W)	.0000	.0113	1.000	474.0	.9152	

Tabela 5. Efeito de moderação do Fator Reatividade Emocional na relação entre Infidelidade dos Pais e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
Constant	3.615	.0425	84.98	.0000	3.532	3.699
Inf Pais (X)	.0758	.0953	.7950	.4270	-.1116	.2631
CD-RE (W)	-.1265	.0396	-3.190	.0015	-.2044	-.0486
Interação	-.0154	.0877	-.1761	.8603	-.1878	.1569
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>	
(X*W)	.0001	.0310	1.000	467.0	.8603	

Tabela 6. Efeito de moderação do Fator Posição do Eu na relação entre Infidelidade dos Pais e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
Constant	3.615	.0429	84.27	.0000	3.531	3.699
Inf Pais (X)	.0559	.0960	.5824	.5606	-.1327	.2445
CD-PE (W)	.0429	.0528	.8129	.4167	-.0608	.1466
Interação	-.0393	.1191	-.3299	.7416	-.2734	.1948
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>	
(X*W)	.0002	.1088	1.000	467.0	.7416	

Tabela 7. Efeito de moderação do Fator Cut-off Emocional na relação entre Infidelidade dos Pais e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
Constant	3.615	.0408	88.55	.0000	3.535	3.696
Inf Pais (X)	.0949	.0915	1.037	.3000	-.0849	.2748
CD-CE (W)	-.3176	.0445	-7.141	.0000	-.4051	-.2302
Interação	-.0296	.1040	-.2848	.7759	-.2339	.1747
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>	
(X*W)	.0002	.0811	1.000	467.0	.7759	

Tabela 8. Efeito de moderação do Fator Fusão com o Outro na relação entre Infidelidade dos Pais e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
Constant	3.617	.0419	86.27	.0000	3.535	3.700
Inf Pais (X)	.0963	.0941	1.023	.3066	-.0886	.2811
CD-FO (W)	-.2148	.0435	-4.937	.0000	-.3004	-.1293
Interação	-.0851	.0973	-.8744	.3823	-.2763	.1061
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>	
(X*W)	.0001	.7646	1.000	467.0	.3823	

Tabela 9. Efeito de Moderação Dupla do Coping Diádico Positivo e Negativo na relação entre Infidelidade do Próprio e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>		
Constant	3.8075	.0477	79.84	.0000	3.713	3.901		
Inf Próprio (X)	-.0585	.0972	-.6015	.5480	-.2497	.1328		
CD Positivo (W)	.4083	.0712	5.731	.0000	.2681	.5485		
Interação (X*W)	.4384	.1438	3.049	.0025	.1554	.7213		
CD Negativo (Z)	.0440	.0716	.6142	.5395	-.0969	.1849		
Interação (X*Z)	-.1631	.1468	-1.110	.2677	-.4521	.1259		
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>			
X*W	.0270	9.297	1.000	298.0	.0025			
X*Z	.0036	1.233	1.000	298.0	.2677			
BOTH	.0292	5.039	2.000	298.0	.0070			
	<i>CD-P</i>	<i>CD-N</i>	<i>Effect</i>	<i>se</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
(16% inferior)	-.7257	-.1209	-.3569	.1416	-.5203	.0122	-.6355	-.0782
(64% mediano)	-.7257	.7591	-.5004	.1859	-2.691	.0075	-.8662	-.1345
(16 % superior)	.7243	-.7409	.3798	.1838	2.067	.0396	.0182	.7415

Tabela 10. Efeito de Moderação Dupla do Coping Diádico Positivo e Negativo na relação entre Infidelidade dos Pais e Funcionamento Sexual Feminino

	<i>Coeff</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>		
Constant	3.824	.0481	79.54	.0000	3.729	3.919		
Inf Pais (X)	.0554	.1074	.5160	.6062	-.1560	.2668		
CD Positivo (W)	.4416	.0725	6.094	.0000	.2990	.5843		
Interação (X*W)	.3750	.1669	2.246	.0254	.0465	.7036		
CD Negativo (Z)	.0525	.0727	.7220	.4709	-.0906	.1955		
Interação (X*Z)	-.0636	.1554	-.4092	.6827	-.3694	.2422		
Efeitos Condicionais (W)	<i>R2</i>	<i>F</i>	<i>df1</i>	<i>df2</i>	<i>p</i>			
X*W	.0150	5.046	1.000	293.0	.0025			
X*Z	.0005	.1675	1.000	293.0	.6827			
BOTH	.0158	2.646	2.000	293.0	.0726			
	<i>CD-P</i>	<i>CD-N</i>	<i>Effect</i>	<i>se</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>LLCI</i>	<i>ULCI</i>
(16% inferior)	-.7218	-.1262	-.2073	.1610	-1.287	.1990	-.5241	.1096
(64% mediano)	-.7218	.7538	-.2632	.1870	-1.407	.1603	-.6312	.1048
(16 % superior)	.7282	-.1262	.3365	.1676	2.008	.0456	.0067	.6664

